

# LINGUAGENS E (RE)EXISTÊNCIAS

ORGANIZADORES(AS)

**ANA PAULA LOCATELLI**

**CARLOS ARCANGELO SCHLICKMANN**

**DANIELA ARNS SILVEIRA**

**LEANDRO DE BONA DIAS**

**MARGARETH MARIA KANAREK**

**RICHARLES SOUZA DE CARVALHO**



2026©Copyright UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense  
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário – C.P. 3167 – 88806-000 –  
Criciúma – SC  
Fone: +55 (48) 3431-2718

**Vice-Reitora**

Gisele Silveira Coelho Lopes

**Conselho Editorial**

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Adriano Michael Bernardin

Angela Cristina Di Palma Back

Cinara Ludvig Gonçalves

Marco Antonio da Silva

Marcos Aurélio Maeyama

Merisandra Côrtes de Mattos Garcia

Rafael Rodrigo Mueller

Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Richarles Souza de Carvalho

Vilson Menegon Bristot



# LINGUAGENS E (RE)EXISTÊNCIAS

ORGANIZADORES(AS)

**ANA PAULA LOCATELLI**

**CARLOS ARCANGELO SCHLICKMANN**

**DANIELA ARNS SILVEIRA**

**LEANDRO DE BONA DIAS**

**MARGARETH MARIA KANAREK**

**RICHARLES SOUZA DE CARVALHO**

Criciúma

UNESC

2026

Editor-Chefe: Dimas de Oliveira Estevam  
Projeto gráfico, capa e diagramação: Luiz Augusto Pereira  
Créditos da imagem da capa: Karine dos Santos Pacheco



As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores e organizadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

L755 Linguagens e (re)existências [recurso eletrônico]  
/ Organização da obra Ana Paula Locatelli ...  
[et al.]. – Criciúma, SC: Ediunesc, 2026.  
112 p. : il.

Modo de acesso: <<https://www.unesc.net/Portal/capa/index/300/5886/>>  
Vários autores.  
ISBN 978-65-85766-98-2

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Crônicas brasileiras. 4. Contos brasileiros. I. Título.

CDD - 22.ed. B869.8

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora da Unesc.

# **SUMÁRIO**

|                                        |            |
|----------------------------------------|------------|
| <b>Apresentação</b>                    | <b>7</b>   |
| <b>Capítulo I - Poemas</b>             | <b>9</b>   |
| <b>Capítulo II - Crônicas</b>          | <b>30</b>  |
| <b>Capítulo III - Contos</b>           | <b>47</b>  |
| <b>Capítulo IV - Microcontos</b>       | <b>95</b>  |
| <b>Sobre os Autores e Ilustradores</b> | <b>102</b> |



Créditos da Imagem: Amalhene Baesso Reddig

## APRESENTAÇÃO

A literatura nasce da vida, de diferentes vozes e de experiências individuais que ressignificam o mundo. Quando escrevemos, revelamos ao mundo e às pessoas os nossos pensamentos e sentimentos, as nossas ideias e frustrações, e as experiências de vida e de vivências em espaços nem sempre reconhecidos pelos que nos leem. Escrever é uma arte, um dom, um sopro de luz que ganha dimensões inimagináveis. Escrever é mostrar que existimos. Se existimos, também resistimos pela arte da escrita.

É nesse espírito que a obra *Linguagens e (Re)Existências* se apresenta ao leitor: como um espaço de criação e reunião da escrita literária contemporânea por meio de poemas, crônicas, contos, microcontos e ilustrações. Os textos que compõem este livro foram selecionados por meio de um concurso literário promovido pelo curso de Letras e pela editora da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O concurso é parte da programação do IX SELEP (Seminário de Leitura e Produção de Textos), evento bianual que reúne estudantes, egressos e professores em conferências, apresentações de trabalhos relacionados ao ensino, à pesquisa e à extensão, apresentações culturais e outras atividades acadêmicas.

O SELEP é um evento já consolidado do curso de Letras e, em suas oito edições anteriores, já tratou de diferentes temáticas, sempre ligadas à língua e à literatura. Em sua primeira edição, em 2008, trouxe para a discussão os dilemas do ensino de gramática na sala de aula. A segunda edição, em 2011, discutiu a produção de sentidos e o leitor. Em 2013, colocou em evidência a estreita relação entre Língua(gem), Literatura e Ensino, haja vista que as práticas de produção (escrita e fala) e de recepção (escuta e leitura) necessariamente requerem interação entre essas dimensões nos espaços escolares. A quarta edição, em 2015, buscou discutir as relações entre Linguagem e Arte, por entender que são áreas cuja aproximação é estreita no que tange às mais diversas manifestações artísticas. Já em 2017, discutiram-se a língua e a linguagem numa perspectiva voltada efetivamente para a prática

da sala de aula. Na sexta edição, em 2019, o tema central foi “Leitura do mundo – leitura da palavra”, com atividades voltadas à memória do educador Paulo Freire. As duas últimas edições, em 2021 e 2024, tiveram como tema gerador “Língua Portuguesa e Literatura no mundo”.

O evento de 2026, em sua nona edição, tem como tema Linguagem e (Re)Existência, que também é o tema do concurso literário – novidade dessa edição – e do livro que apresentará os poemas, as crônicas, os contos, os microcontos e as ilustrações selecionados. O objetivo desse concurso foi incentivar a produção literária e ampliar os espaços de publicação e divulgação da escrita. Entre os trabalhos inscritos, foram escolhidos textos que apresentam diferentes perspectivas, temas e estilos, revelando a diversidade presente na criação literária.

Assim, a obra está organizada em quatro capítulos. O primeiro reúne treze poemas, que conduzem o leitor por imagens, ritmos e reflexões construídos em versos. Em seguida, no segundo capítulo, são apresentadas sete crônicas, as quais aproximam literatura e cotidiano, registrando cenas, memórias e observações sobre a vida comum. O terceiro capítulo reúne dez contos, com narrativas que exploram personagens, conflitos e situações variadas. No quarto e último capítulo, são apresentados quatro microcontos, um deles em forma de versos, os quais apresentam reflexões sobre a condição humana diante das transformações da vida. Por fim, além dos textos, a obra conta com cinco ilustrações selecionadas pela comissão organizadora do concurso. Essas imagens dialogam com a proposta da obra – tanto que uma delas compõe a capa do livro – e contribuem para a experiência de leitura.

Mais do que uma coletânea, este livro representa o incentivo à escrita e à circulação de novas produções literárias. Cada texto, à sua maneira, reafirma a literatura como espaço de expressão, partilha e encontro entre autores e leitores. Que estas páginas sejam um convite à leitura e ao contato com sentimentos que encontram, na palavra escrita, uma forma de resistência. Boa leitura!

Carlos Arcângelo Schlickmann e Richarles Souza de Carvalho

An abstract painting featuring a central vortex of red and blue, surrounded by swirling green and yellow brushstrokes. The overall composition is dynamic and textured, with various shades of green and yellow dominating the background.

## CAPÍTULO I

### POEMAS

Créditos da Imagem:  
Bruna Leticia Saueressig Barbosa

## Íris, além do azul

*Laryssa Pedro do Amaral*

Eu espero outro dia,  
convenço-me do que não é igual,  
mergulho nessa ideia  
de que o amor nem sempre é visceral.

A cidade que você habita te habita de volta?  
E as luzes que cercam o teu caminho,  
se são suficientes,  
por que tanto recalcula a rota?

E o brilho do teu azul opaco seria suficiente  
para me fazer ficar?

E se eu te dissesse que essa cidade tola  
insiste em te fazer voltar?

Digo as frases em francês  
para que não se traduza a minha dor;  
dizem que, depois da guerra, eles voltam  
bem mais cheios de amor.

E quando a dor chegasse pela manhã,  
junto com a fome e a ânsia pela vida,

eu pegaria a tua mão e faria ao contrário:  
voltaria ao que traz brilho para esse grande azul opaco.

## Um angolano na roda do chimarrão

*Luvumbo Manuel Quionza*

Pachola e *muy bueno*, estava eu nas terras de Bagé.  
Nesta vasta querência que me encontro, existe uma cultura.  
Eu gosto de cultura. E havia uma senhora com cuia,  
*una bombona* dourada de cor prata que colocara entre as ervas que  
antes eu não conhecia.  
Atrevi-me perguntando o que seria aquilo.  
Fiquei confuso. E o jururu, que quase me fez passar fiasco?  
Ela respondeu à paisana, com toda calma possível:  
*“Mate! Mate, o chimarrão que nós, os gaúchos, tomamos”*.  
Quando me dei de conta, era minha vez. Mas, que barbaridade, tchê!  
Quase me senti como um estrangeiro sem vez,  
porque foi a primeira vez que tomei aquele chimarrão de Bagé,  
quente e ardido. Pareceu aquele chimarrão de correr visitante.  
Não pensei duas vezes e segui tomando, chimarreando.  
Tinha gosto de pureza, água e mais um verde de campo muito  
amargo.  
De xeque-mate para *una* erva-mate. Saboroso!  
Misto de quente, eu não perdi tempo, pedi mais rodada,  
mas o que eu não sabia é que todos tinham sua vez.  
Deveria passar de mão em mão  
o gosto daquele XIMANGO saboroso!  
O amargo que se denomina CHIMARRÃO DE ERVA-MATE,  
que passava de mão em mão,

sem corrimão se veio aquele chimarrão quente esfumado  
de água quente que queimava os beiços.  
Não o trocaria nem por um trago de cachaça  
que se racha o mulato velho de São Sepé.  
Produce efeito de resistência. Nem o tererê tomara com tanta  
consistência.  
De vereda me senti como os filhos das instâncias,  
que cedo já levantam tomando chimarrão  
e chaleira retorna ao fogo  
que nem o jogo da jarra térmica  
atravessado com duas listras brancas a bomba entupida  
que só mexendo se ajeita.

## **Vou morar na rua**

*Luiz Gustavo Machado Thomasi*

Vou morar na rua  
Roubar as canetas dos seus bolsos  
Escrever por cima das letras dos jornais  
Vou dormir nos seus sonhos  
Enquanto sonho acordado

Vou morar na rua  
Assistir à chuva cair  
Ouvir o soluçar dos trovões  
Ver as sete cores dos seus olhos  
Olhos que não vejo em casa,  
Vejo no olho da rua

Vou morar na rua  
Vou ouvir todas as vozes que não dizem nada  
De todas as bocas que falam muito  
Não vou ter endereço  
Vou jogar cartões postais ao vento  
Vou lhe perguntar onde mora  
Dormirei ao relento

Vou morar na rua

## Infância não tão perdida

*Stéfany Duarte Dossa*

Na volta da escola, ao entardecer  
Numa moitinha, a cada graminha  
Era um buscar, ou talvez esconder  
De um pequenino brotinho que viria a nascer  
A caminhada nem sei quanto durava  
Minutos, horas, dias, uma vida!  
Me passava pela cabeça apenas uma mensagem querida:  
“Cresçam, mostrem suas pétalas lindinhas!”

“Suco gelado, cabelo arrepiado”  
“Moça bonita do laço de fita”  
Pulando corda, pé descalço na brita  
Indo pro céu, pessoal animado  
Não importava nenhum machucado  
Até as professoras estavam sempre a sorrir  
Mas até hoje não pude descobrir  
Qual é a letra do meu namorado?

Em dias de chuva, que melhor que um cobertor?  
Deitar no sofá, ouvir a chuva, sentir o calor  
Ou talvez ajudar a cozinhar um bolo ou pão  
Farinha, ovos, leite, bate na mão  
Botar na forma, no forno quentinho

Cresce cresce cresce, ah! Tá prontinho!

Agora é só fazer a calda de chocolate

“Chocolate, mandolate”

Isso tudo já foi num outro momento

Um tempo que nunca vai voltar

Mudado com o tempo, mexido pelo vento

Coisas que precisei vivenciar

Foram detalhes, minúcias sagradas

Acontecimentos que preciso recordar

Fatores que me moldaram

Para assim no futuro saber lutar.

## Cicatrizo-me

*Marcello Zapelini da Rosa*

Esperava pouco  
Entregaram-me menos ainda...  
Nadei em rios  
De correntes contrárias  
Em ventos tangentes  
Em águas ausentes  
De frios ardentes  
De falsos dentes.  
Conheci o teu rio  
Hoje rio  
Nado de braçada  
No sol poente vejo revoadas  
Enraízo-me  
Cicatrizo-me  
Amo o teu sorriso.

## Luar

*Elvis Preis Anacleto*

O sol se põe calado no crepúsculo,  
faz-se majestade a lua crescente.  
Como pode ser assim tão petúsculo?  
Sobre a graça solar evanescente.

Emaranhar-me-ei ao longo da relva  
prestigiando manto céu noturno.  
Visto da clara lua e entro na selva,  
afastando-me do meu ser soturno.

A dama-da-noite emana o perfume.  
Tal qual o desejo, você me assume?  
Em meio à mata e enlaçadas as mãos.

No instante viramos órfãos pagãos,  
riso, assim, da demasiada flora,  
fomos sol e lua na eterna aurora.

## Indefinido

*Giseli Paes Rech Matuchaki*

Nada é tão definitivo que não possa ser mudado  
Ninguém é tão perfeito pra ninguém  
Nada é tão real que não possa ter se enganado  
Ninguém é tão esperto que nunca tenha errado  
Tudo está aí e tem que ser plantado  
Tudo está aí pra ser alcançado  
Tudo está aí e se plantou tem que ser regado  
Tudo está aí pra ser alcançado  
Nada é tão ruim que não possa ser alterado  
Nada é tão difícil como se vê  
Ninguém é tão pé no chão que não tenha se aventurado  
Ninguém é tão alguém que não precise de alguém do seu lado  
Tudo está aí e tem que ser plantado  
Tudo está aí pra ser alcançado  
Tudo está aí e se plantou tem que ser regado  
Tudo está aí pra ser alcançado  
Nada está tão bom que não possa ser melhorado  
Nunca é tão pouco o que se tem  
Nada é tão difícil que não possa ser contornado  
O mundo está aqui pra ser conquistado

## Oceano

*Eduardo Fioreze*

Quem sou...?

Permeado por esta dúvida, apenas reconheço traços do que não sou...

Não sou a pedra, o sol ou as nuvens.

Não sou bicho, planta ou vento que soa na colina.

Transpassado pelo incognoscível...

Quem sou?

Tão pouco compreendo o consciente de minha existência;

do inconsciente, um oceano a ser mergulhado.

Restam dúvidas; penetram-me, transcorrem pelo meu ser  
sentimentos e incerteza.

Neste *iceberg* deste profundo oceano, o pouco que ressoa são os  
destroços de outrora. Transbordado pela materialidade, sou apenas  
retalhos desgastados; frestas, perguntas!

Procura-se, coração, a poesia!

Busque, pequenino! Teu caminho é percorrer,

peregrinar, mergulhar neste oceano de ensinamentos...

## Depois do verbo

*José Vitor Moraes*

No início, era verbo –  
e, ainda assim, silêncio.  
Dele se fez a existência;  
e, do afeto, a ausência.

O balbuciar censurado,  
preso na garganta,  
das primeiras palavras  
que já cantavam dor.

A juventude, um eco,  
buscando a própria voz.  
A culpa e a melancolia  
de quem cometeu um crime atroz.

A maturidade e a coragem  
iluminando a escuridão.  
O grito, depois do silêncio,  
de quem já não pede perdão.

E então, depois do silêncio, o amor.

## Sinto

*Cauê Cristiano Cardoso*

Sinto-me explodindo, incoerentemente cansado, mas livre. Tão livre quanto um peixe em um aquário, sem saber que o oceano existe.

Sinto que li Clarice sem nunca tê-la lido. Sinto que entendo o meu eu a partir do que não li dela e, na negação da negação, reconheço o meu não eu nos meus escritos.

Sinto vontade de ser despudorado, de ser vulgar e sexual. Sinto que sinto, tendo isso sentido ou não.

Sinto-me em mim mesmo, tomado por nostalgia do que não cheguei a ser, com fome do que não comi e com raiva do que não aconteceu.

Sinto lágrimas em meus olhos, sinto solidão e não sei o que é solidude.

Sinto-me envergonhado, castrado, enredado e “des-graçado”.

Sinto-me implodindo e interiorizando toda essa desconexão.

Sinto que implodo meu eu e nego. Nego a incerteza e a indelicadeza de minhas palavras.

Sinto a raiva expressa em meu maxilar, a doença em meus olhos e a cura na saudade.

Sinto a frustração do não eu, a tristeza do não ser e a vergonha do não estar.

Sinto-me vazio.

Sinto esperança ao me esvaziar, mas apavorado por sentir esperança, pois conheço Pandora.

Sinto que estou me perdendo e perdendo as palavras.

Sinto que chego ao fim, que morro com este final, e fico esperançoso com isso.

Sinto falta, mas sinto tanto a falta, que me esqueci como é sentir saudades.

Enfim, sentindo esvazio-me de sentido.

## Campus-jardim

*Amalhene Baesso Reddig*

Vejo um lugar de educação  
Bordado de plantas e folhas  
Coberto de memórias e histórias  
Encharcado de vidas

São crianças e adultos  
No encontro de culturas  
Na troca de saberes  
Do amanhecer ao anoitecer

Vejo um lugar de fauna e flora  
Cigarras, besouros, borboletas  
Cães, pombos e beija-flores  
Carreiritos de flores e frutos

São riquezas do lugar  
Entrecruzadas com o humano  
Natureza sem par  
Entre acasos a iluminar

Vejo museus, artes, artistas  
Professores, estudantes, cientistas  
Vidas em formação e conexão

Nesse Campus-Jardim de eterna mutação

São luzes, sons e alegria

Nos prédios, bancos, capelaria

Passarelas e gestos singulares

Nas andanças livres nesses lugares

## Não consigo te perdoar

*Raissa Morona Frello*

Eu sinto sua falta.  
Seus abraços, o seu amor,  
Sua presença materna.  
Eu só quero voltar a ser inocente e esquecer  
Que você me tocou daquela forma, mesmo sem intenção.  
Quando seus olhos se encontraram com os meus  
Com tanta saudade,  
Tanta mágoa,  
Tanta necessidade de vínculo materno,  
Tanto querer.  
Eu sinto falta do seu cheiro de mãe.  
Eu queria poder te perdoar,  
Esquecer.  
Apagar da minha memória toda minha infância e começar  
novamente.  
Dessa vez, sem aqueles detalhes.  
Quero que você cuide de mim  
Como uma criança. Penteie o meu cabelo com carinho, me banhe com  
toques leves.  
Me ensine como viver como uma criança.  
Queria conseguir ter a coragem de poder te amar sem medo de ser  
apunhalada pelas tuas palavras e tapas.  
E como eu desejo... e o meu ser infantil sonha em ter caminhado ao  
seu lado.

Sabe, mãe, aprendi a cuidar do meu cabelo, a me maquiar, a me vestir,  
a me posturar, a ser mulher. Sem você!

Eu aprendi a ser alguém sem você.

## O tempo, amor

*Keyla Karolyne Rodrigues Scarmagnani*

O tempo, amor, me prendeu na espera.  
Quanto tempo leva? Que dia chega? Quando vai?  
E se eu for, ainda posso voltar?  
E se eu nunca for, o medo me espera?  
Ou o arrependimento?  
Desperdicei o que era meu?  
Qual a sensação de amar? É intensa?

Deus, o que é meu para este tempo?  
Eu quero viver, viver para você.  
E ser quem eu nunca fui capaz  
Nem sequer de ver.  
Amar sem mesmo perceber.

Eu me despedi muitas vezes.  
Você ficou; isso é amar.  
Na minha fraqueza, eu floresci.  
Banhada em lágrimas e nutrida de graça.  
Graciosa beleza que me encontrou.

O tempo que passa, o tempo que fica.  
O tempo que me espera e me inspira.  
Ele realmente não para.

Na verdade, não importa: existe uma porta.

Pois, afinal, é você que escolho amar.

No tempo, amor.



## **CAPÍTULO II CRÔNICAS**

Créditos da Imagem: Bruna Leticia Saueressig Barbosa

## **O presente que tenho, o futuro que me espera**

*Stéfany Duarte Dossa*

Faz uns quinze graus aqui fora. Há pessoas de casaco, pessoas pelos corredores, pessoas gritando, cantando e tocando violão pela escola à noite. Mas, sabe, não estou a fim de ficar com elas. Não me considero como elas.

Na verdade, nem sequer estou com frio. Nem estou muito perto de ninguém, quero ficar sozinha. Antes, enquanto eu caminhava rindo com os outros e dos outros, eu acabei pisando em uma poça qualquer, mas bem extensa (para variar – já que em minha escola não há buracos, não é mesmo?). Na hora, eu reclamei de sujar os pés, só que depois, quando parei e realmente observei, eu vi uma trilha. E não uma trilha qualquer, uma trilha azul-púrpura cintilante, lá em cima.

Eu olhei para o alto, um tanto surpresa, e permaneci assim, na parte escura da estrada, olhando aqueles pontinhos branquinhos, brilhantes e sempre cativantes no céu, formando uma aurora azul. E, quanto mais eu os observava e percebia, mais pontinhos surgiam aos poucos à minha vista...

Uma umidade estranha pairava no ar, deixando meu cabelo frisado. Então senti um friozinho, como se apenas o ar gelado que escorreu do derretimento de um cubo tocasse minha pele. A grama já estava molhada, com as gotículas que esperam ansiosas o amanhecer ardente – e nem eram dez horas da noite ainda. No açude ao lado, pairava uma camada não muito densa de névoa, enquanto no céu as estrelas mostravam-se, pomposas, dizendo: *“Amanhã não choverá; será um dia lindo de sol, com o frescor agradável do nosso amigo vento”*.

Na verdade, o cenário parecia diferente do normal. Era como enxergar uma paisagem diretamente, e não por fotografias ou pinturas: algo visto de longe, mas, ainda assim, tão próximo que eu poderia tocá-lo com a ponta dos dedos.

É bom sentir isso.

É bom ver que todos acham que eu continuo surpreendendo.

E é bom perceber e voltar a ser o que eu era.

E cá estou, sentada na calçada suja do açude, olhando e escrevendo sobre o céu, que dá tanta vontade de compartilhar esse sentimento que escrever pode esperar. Mas, ao mesmo tempo, há também uma vontade imensa de simplesmente me perder na imensidão dele e deixar a escrita para depois. Queria que alguém visse isso comigo, ou que o celular pudesse registrar obras tão maravilhosas quanto essa... Mas nem tudo é perfeito.

É assim como o céu que vejo agora que imagino o meu futuro: tão distante e, mesmo assim, posso tocá-lo com a ponta dos dedos, basta eu acreditar. Talvez eu durma melhor hoje sabendo que aproveito, sim, o agora; aprendo, sim, cada coisa que faço; sei, sim, ter responsabilidade sobre aquilo que escolhi para mim; e posso, sim, fazer o que quiser, se eu acreditar nisso. Alguém muito especial me ensinou isso, e com esse ensinamento eu ergo minha cabeça todos os dias. Afinal, esta é a minha vida.

Vamos viver, certo?

## **A língua que sinaliza a re(existência) nas encruzilhadas escolares**

*Dienifer Soares Bereznicki*

Existe uma língua que se expressa por sinais. Muitas pessoas ainda a veem como gesto, mímica ou um tipo diferente de linguagem. No entanto, trata-se de uma língua legítima, que carrega histórias, culturas, identidades e pertencimento.

Durante muito tempo, essa língua viveu às margens das salas de aula, dos livros e das conversas. Era como se existisse, mas não pudesse ocupar espaço. Enquanto os ouvintes podiam participar do processo de ensino-aprendizagem por meio de sua primeira língua (L1), os surdos precisavam aprender por meio de uma língua que não era a sua L1, como se a sua própria língua não tivesse lugar na escola.

Eu sou professora de Língua Portuguesa e foi dentro da sala de aula que essa história deixou de ser distante e passou a fazer parte da minha vida. Em 2024, ingressei em uma escola que tinha estudantes surdos. Eu não sabia Libras. E foi nesse momento que percebi algo que nunca tinha pensado antes: a solidão também pode ser linguística. Estar em um lugar onde todos conseguem se comunicar e você não consegue participar das conversas – não porque não quer, mas porque tem uma língua diferente da maioria – é uma forma silenciosa de isolamento.

Foi então que comecei a aprender, devagar, sinal por sinal, aula por aula, erro por erro. Com o tempo, percebi que aprender Libras não era apenas aprender uma nova língua. Era aprender a olhar mais, esperar mais, respeitar o tempo do outro, entender que existem diferentes formas de estar e existir no mundo.

Nessas idas e vindas do processo de aprender uma nova língua com gramática e parâmetros muitos distintos da minha L1, deparei-me com uma comunidade escolar que também fazia parte da comunidade surda. Participei, inclusive, num desses momentos de partilha, de um certo ritual de batismo para a comunidade surda. Uma professora surda disse que meu sinal era um “d” – alfabeto de datilologia, que fazia movimento de cima para baixo, da cabeça até a cintura, representando o comprimento do meu cabelo. Segundo ela me contou, o batismo segue os seguintes preceitos: 1. deve ser feito exclusivamente por algum surdo; e 2. o surdo pode escolher o sinal por meio de alguma característica marcante da pessoa.

Na comunidade surda, ganhar um sinal é como ganhar um nome dentro daquela cultura, é um sinal de que você foi reconhecido, de que agora você faz parte daquele grupo. Naquele dia, entendi que não estava apenas aprendendo uma língua. Eu estava pertencendo a um novo lugar no mundo.

Foi ali que entendi que a escola deve ser um lugar de encontro entre línguas e culturas: o Português, a Libras, a cultura surda, a cultura ouvinte. Quando essas culturas se encontram, todos aprendem. O aluno surdo aprende Português, os alunos ouvintes aprendem Libras, e todos aprendem algo maior: que a língua é o que transforma o silêncio em encontro – consigo, com o outro e com o mundo.

## Medíocre

*Jussana Adão Fernandes*

Havia dias em que costumava se permitir certos prazeres. Para além da lascividade, para além da liberdade de pensamento, ela se dava tempo. Tempo do mundo. Tempo de conversas sem sentido e de pessoas vazias.

Acordava em uma manhã chuvosa, daquelas em que sabia exatamente como seu trabalho sem importância continuaria mesmo sem sua presença. Tomada pela ansiedade e pelo entusiasmo, mandaria uma mensagem para o chefe, porque a liberdade de um dia que buscava exigia certo jogo de cintura. Escreveria:

“Acordei me sentindo muito mal. Vou ficar em casa hoje.

Desculpe o transtorno”.

O fato de ser uma doce e responsável garota para todos ao seu redor tornava certas ações e atitudes passíveis de perdão.

Em seu íntimo, o monstro da culpa saía debaixo da cama para roçar sua pele, mas não durava muito. Sua vida era, acima de tudo, medíocre, e vidas medíocres exigem um pouco de ladinagem para serem suportáveis.

Seu dia de liberdade começava com um café bem passado e sobras de pizza da noite anterior.

Suas cachorras, a essa altura, já estariam entusiasmadas com a companhia repentina, aconchegadas ao seu lado enquanto ligava a televisão, pronta para se aquecer por pelo menos mais uma hora, até finalmente decidir dar alguma produtividade ao dia.

Arrumar, limpar, agir como se limpasse a si mesma, perdendo-se entre a música dos fones de ouvido e a louça semiensaboada em suas mãos.

Volta e meia, parava para se sentar no piso da varanda e, em um silêncio confortável, observar para além da própria cerca.

E era geralmente nesses momentos de pausa e reflexão que se sentia grata.

Grata pela vida medíocre que lhe permitia uma liberdade ocasional.

## Homenagem

*Elvis Preis Anacleto*

Hoje não é um dia qualquer, mas fiz tudo o que um dia qualquer poderia ter exigido. Talvez seja a agonia de ver a mãe gentil doente e ficar aqui, sentado, esperando sua recuperação – se tiver recuperação...

Já me perguntaram o que a deixou assim. Abaixo a cabeça e omito o presente, porque tenho vergonha de tê-la deixado aos cuidados de qualquer um. Todavia, não sou o único. Mas alguns irmãos não admitem o seu erro e, a cada dia, ela fica pior, pois nenhuma mãe quer seu filho longe.

Pensei em abandoná-la e penso ainda no exílio; ele toma conta dos meus pensamentos. Mas o amor pela senhora agarra meu coração.

Quando tomo o meu café, logo pela manhã, antes de pegar o expresso, reflito sobre onde ela possa estar. Será que devo perguntar aos meus irmãos? Ou ir até o distrito?

Talvez, se eu perguntasse aos caminhoneiros parados nas ruas, eles soubessem para onde levaram aquela que cedeu sua terra para que, do nada, eu virasse tudo.

Na última vez em que a vi, já adoentada, gemia como em dores de parto: chorava por suas matas, por seus minérios, por seu povo, que se tornava completamente miserável sem poder se agarrar a ninguém.

Tendo descido na parada que dava caminho ao meu trabalho, observei as ruas por onde ela desfilava entre seus grandes arranha-céus. No pretérito, via todos sorrindo e dando bom dia uns aos outros, pois eram pessoas felizes, eram consideradas o povo mais alegre do mundo. No entanto, tudo isso virou passado, porque o que se

sobressai da via é um total deserto e um silêncio ensurdecedor. Ainda no caminho, percebi que a minha única saída para tentar me comunicar com a mãe gentil é em meu terraço, olhando para as estrelas, achando a constelação rainha, aquela que ilumina o céu da pátria todas as noites e me direciona para o correto caminho.

Em frente ao meu trabalho, tentei me consolar ao relembrar teus tempos de glória: aquele dia em que os primeiros te avistaram e se iludiram ao achar que eras tão pequena; aquele grito que te libertou das mãos de usurpadores; quando te compadeceste daqueles que eram maltratados e xingados e, mesmo não sendo teus filhos de sangue, acolheu-os em teu coração e lhes deste a liberdade.

E não podemos nos esquecer da época em que promulgaste a soberania popular e deste os mesmos direitos aos lembrados e aos esquecidos. Quiçá teu povo tenha se esquecido de que os teus peitos e os teus braços eram muralhas da mãe gentil e tenha transformado o teu garbo varonil em pura ignorância.

Tudo o que sobrou do meu trabalho foi uma porta trancada e uma faixa de greve e, mesmo sabendo que encontrarei a fachada le-sada todos os dias, assim percorrerei este caminho para não me sentir vazio e ter esperança de que os tempos de glória um dia retornarão.

## Sirvam “vossas” façanhas

*Marciano Bortolin*

Há asfalto sob a água. Também há carros, móveis, casas, brinquedos e tantas outras coisas que não conseguimos imaginar.

Há sonhos e trabalho de vidas inteiras “afogados” pela água e abafados pela lama. Arrastados por galhos e destroçados sobre escombros.

Rodovias se transformaram em hidrovias e nelas agora navegam botes, barcos e *jet-skis*. Uma cena até então difícil de imaginar.

Sobre eles estão pessoas de todo o País com o propósito de socorrer, acolher e salvar.

O Guaíba ficou revoltado. Sentiu-se mar, criou grandes ondas e invadiu o Menino Deus, a Assis Brasil, a Getúlio Vargas, a Farrapos, o Centro Histórico, e tantos outros locais onde antes era fácil caminhar.

A água arrastou cidades. Deixou para trás a lamentação, o medo e o choro em Muçum, Canoas, Lajeado, Roca Sales. O pampa foi alagado. A bombacha encharcada. A erva-mate exageradamente regada e ainda mais amarga. O cavalo, sobre o telhado, na esperança do resgate.

Locais onde antes havia cidades inteiras agora são apenas terrenos “lavados”, sem nada. Lá existiam vizinhos conversando no portão, senhores e senhoras tomando chimarrão, guris correndo para lá e para cá com aquela alegria que lhes é característica.

A água está presente em Porto Alegre, em Canoas, em Eldorado do Sul. Como escreveu o alegretense Mário Quintana ao tratar da enchente de 1941: “Parece que cada um tem o seu próprio rio só para si”.

Acima da lâmina da água há lamentação, choro, lágrimas. Cicatrizes que levarão tempo para serem curadas.

Há sentimentos tristes de mães, pais, crianças. Pessoas que se foram. Pessoas que ficaram.

Há um cusco que continua a nadar em terra firme após ser salvo. Mas, acima da água, também há esperança e bons corações que, sem pedir nada em troca, atravessam o Brasil rumo ao ponto mais ao sul do país em auxílio aos gaúchos.

Não há mais vermelho ou azul, todos são do Sul.

E Deus também é gaúcho, mesmo que não seja de espora e mango.

Todos nós somos do Sul, uma terra de céu azul.

E se agora o céu não parece ser tão azul assim, como cantava Elton Saldanha, vamos aguardar um pouco mais para olhar e vê-lo. Aguardar, não de braços cruzados, mas com as mãos estendidas.

A água irá baixar, as dificuldades serão, mais uma vez, superadas. Há perdas? Sim, infelizmente há, mas também há força, coragem, auxílio.

Depois disso, vocês voltarão ao Parcão, à Redenção, ao Gasômetro, a vibrar na Arena e no Beira-Rio.

Ao fim de tudo, mais uma vez, as “vossas” façanhas servirão de modelo a toda a terra.

## Oceanos profundos

*Eduardo Fioreze*

Tratar da natureza humana – se é que existe natureza humana – e de suas ecologias não é tarefa simples, tampouco fácil. É necessário preparar-se não somente com teorias e técnicas; é preciso poética em seu viver!

Esse preparo não finda nem cessa: a todo momento, é preciso conhecer a si mesmo; antes de tudo, é preciso começar! Mesmo que algum resultado pareça distante ou inalcançável, mergulhe em si.

Nessa jornada de investigação, não à toa, retornar a essas águas tornou-se nadar contra a corrente: desafiadora tarefa de mergulhar nas oceânicas profundezas do *ser*.

Foi necessário tomar fôlego – muito fôlego – e, antes, adquirir a capacidade necessária para tal proeza. Assim se fazem Ciência e Poesia!

Afastado deste espaço, por mais tempo do que gostaria, mergulhei em meu oceânico *ser*. Nas profundezas, para além de onde a luz e a escuridão entrelaçam seus corpos, deparei-me com as sujeiras em zonas abissais; era preciso livrar-se de tudo isso, reconhecer toda hipocrisia.

*E dói, dói, dói me expor assim*

*dói, dói, dói, despir-se assim.*

*Mas se eu não tiver coragem*

*Pra enfrentar os meus defeitos*

*De que forma, de que jeito,*

*Eu vou me curar de mim?*

Me Curar de Mim – Flaira Ferro

Inundado em lágrimas, em meio a esse mergulho nas profundezas abissais, eu me fiz um Oceano. O lamento que ecoava das águas ressoava intensamente em mim. Por dias, à deriva, não era mais um mero visitante: minha presença, um incômodo.

Carregado por uma massa silenciosa que flutuava onde antes havia vida em abundância, os seres que resistem e ali ainda habitam incomodavam-se com minha existência. Em meio à rebentação, um silêncio ensurdecedor rompeu todo meu ser, então compreendi: não era minha presença que incomodava, mas sim aquilo que carregava comigo.

Naquela imensidão oceânica, qualquer tentativa minha de comunicação silenciava-se na arrebentação. Trazia comigo inquietante peso de uma superfície que não mergulha. As marcas de uma humanidade consumista, mas que não reconhece; que descarta, mas não retorna. Nas profundezas – onde nada se perde, tudo se acumula – o Oceano me devolvia aquilo que insistimos em esquecer, marcando profundamente o meu ser.

Por mais que, em muitas passagens destas palavras, o Oceano tenha sido símbolo da nossa psique, não é apenas símbolo ou figurante nos processos biológicos. O Oceano e a vida que nele habita – aliás, esquecemos que a vida ali surgiu – auxiliam na regulação do clima planetário (correntes oceânicas), produzem grande parte do oxigênio que respiramos (fitoplanctons), absorvem o excesso de calor que geramos etc. Ainda assim, nós o presentearmos diariamente com toneladas daquilo que não queremos ver.

Talvez porque nunca aprendemos a olhar para as profundezas: nem para as do oceano, tampouco para as nossas. Desde cedo, somos educados a observar a superfície; a responder, produzir, competir. Mas não a mergulhar, não a sustentar o silêncio das profundezas, não a reconhecer aquilo que precisa ser transformado.

Humano, demasiado humano, habita em sua consciência a incapacidade de sustentar profundidade. Somos capazes de armazenar conhecimento e história e de mensurar os impactos que causamos. Desenvolvemos técnicas e tecnologia que podem nos conduzir a uma vida mais sadia, mas não aprendemos a pertencer. Desconhecemos o amor e o conviver!

Estamos sendo saturados de estímulos, sequer aprendemos a sabedoria de escutar o silêncio. Nossa educação falha ao não ensinar a reconhecer aquilo que precisa ser transformado em nós, a cultivar onde habitamos! E então repetimos, nas águas do planeta, aquilo que evitamos enfrentar em nossas próprias profundezas.

Oceano adoece, e não é distante. Exemplo: a tentativa de desavanço nas medidas protetivas da APA da Baleia Franca. Está no ar que respiramos, no clima que vem se tornando mais extremo e caótico, na vida que se perde silenciosamente. Mas talvez o mais inquietante não seja isso. Talvez seja perceber que continuamos educando gerações para a superfície. Para produzir, consumir, competir.

– Mergulhar em si? Sentir? Cuidar? Cultivar a vida?

– Para quê, de que seria útil?

Somos tolos, cara pálida. Na sabedoria das palavras de Krenak, a vida não é útil, experienciá-la é transcendente. Precisamos de sanidade para senti-la. Se quisermos transformar o rumo, não basta olhar apenas o Oceano. Será preciso coragem para atravessar as próprias águas. Porque, no fim, não protegemos aquilo que não conhecemos. E não conhecemos aquilo que não temos coragem de mergulhar.

## Estilhaços e laços

*Artur Mendes Vittoria De Souza*

Sou um professor de física que decidiu voltar aos bancos da graduação. A turma tem mais de cinquenta alunos e estudo inclusive com alguns que já passaram pela minha disciplina no ensino médio. Por algum motivo, desde a primeira fase, elegeram-me líder de classe junto com a Rafaela. Eu, calmo e quieto. Ela, agitada e animada. Nossas ideias confluem impressionantemente bem. Ademais, fora da instituição temos nossas vidas, e vez por outra recebo uma ligação para lecionar.

Numa sexta-feira de março, meu celular tocou às onze: “professor, preciso de uma aula urgente às 13h30”. Pedi então que me repassasse os assuntos para que eu pudesse planejar a aula e que, depois que eu terminasse meus afazeres na universidade, eu a atenderia no Centro.

Almocei e às 13h parti. O trânsito era caótico. Estacionei meu golzinho no Pio Corrêa, bairro nobre, na zona que não paga taxa, como de costume. Deixei minha mochila dentro do carro, afinal, era apenas uma breve aula e o mais importante, o conhecimento, não precisava ser transportado com quilos nas costas.

Caminhando, eu levei dez minutos para chegar ao núcleo de estudos e, nesse tempo, observei as dinâmicas sociais. Havia poucos carros estacionados na mesma via e uma obra acontecia no trajeto adiante. Logo mais, um senhor sentado num banco de madeira vendia cocadas na esquina, próximo ao semáforo. Interpelou-me, mas recusei educadamente.

Eu, de pé, estava mais rápido que os automóveis. Costurei o mercado entre as folhagens e atravessei a faixa. No perímetro Cultural estava um homem com as pernas esticadas sobre um papelão,

recostado na última pilastra. Exclamava pedindo dinheiro para poder comer. Nada vendia, senão apenas estendia as mãos para quem quer que passasse. Pensei: “nossa, mas como a cidade está diferente. Da última vez não lembro de tê-lo visto”.

Ceguei, subi as escadas, reconheci a aluna. Falamos sobre calorimetria e cálculos, tendo apenas alguns papéis e caneta na mão. Passados os 45 minutos, findamos a aula. Despedi-me na recepção, e voltei pelo mesmo trajeto. Aproveitei para conversar com minha vida ao telefone, relatando o quanto meu dia tinha sido bom. Próximo à clínica, lembro-me até de ter brincado: “qual é a minha porcentagem de felicidade hoje?”. É uma forma que adaptei do jogo do contente de Pollyanna.

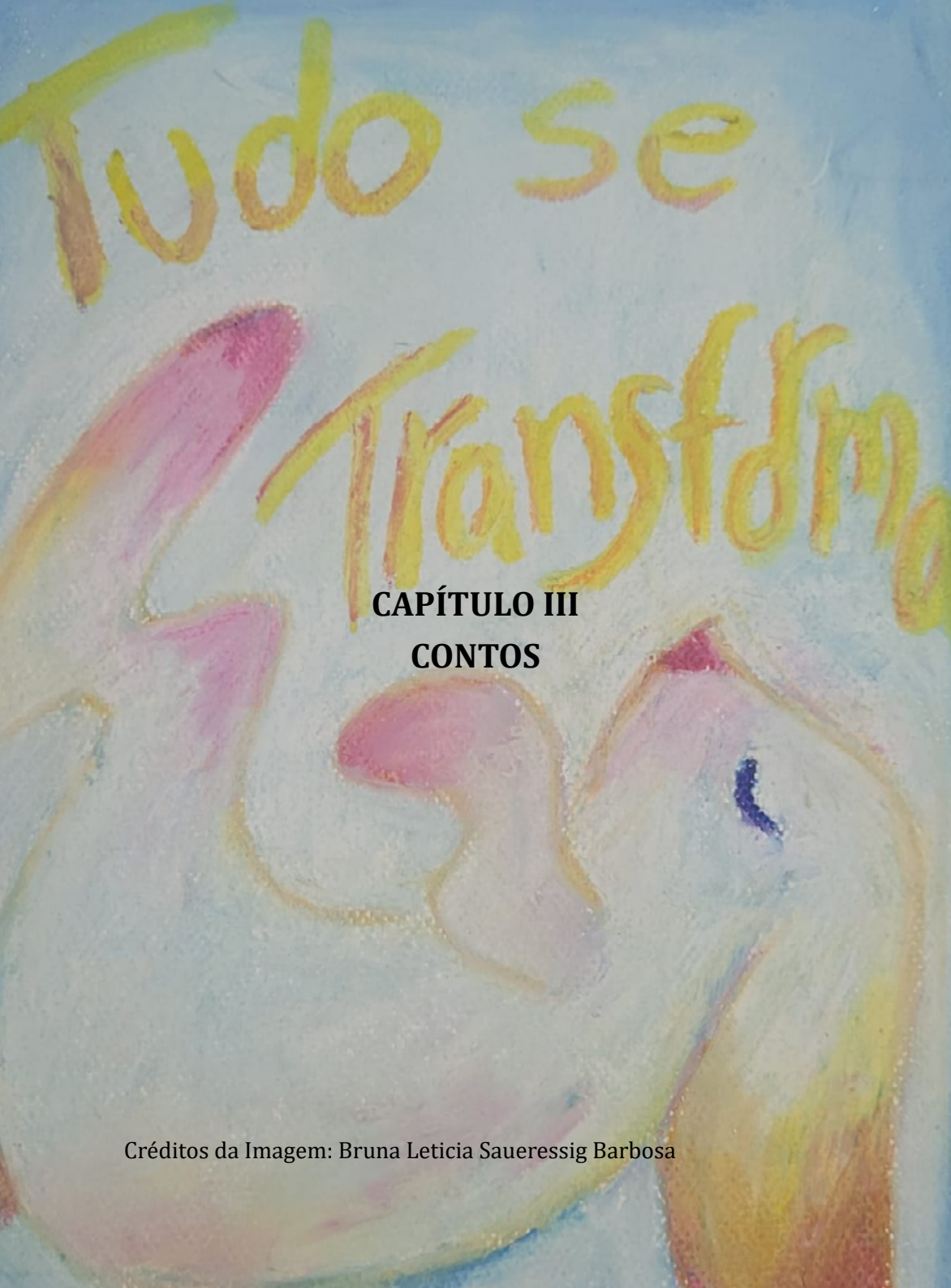
Há cerca de 10 metros do meu veículo, percebo algo estranho. Desligo o celular e vejo que a janela está estilhaçada, e minha mochila não está mais lá. Carregava nela todos os meus materiais do curso – *tablet*, cadernos, anotações, penal – e meus materiais de higiene. Procurei algo em volta que me desse pistas. Lá na frente havia uma bolsa jogada que não me pertencia.

Imediatamente liguei para a polícia e passei-lhes as informações. Na vizinhança solicitei as imagens das câmeras, conseguindo capturas de tela. Um indivíduo de bicicleta laranja e camiseta branca cometeu o furto qualificado, trocando seus pertences pelos meus. Sobre o banco do carro repousava um livro embalado. Este, o dito cujo não levou.

Cansado da semana e recém-finalizados todos os afazeres, fui furtado. A sensação de impotência existia, mas a essa altura não havia muito o que fazer. A vida precisava continuar, afinal eu estava bem. Registrei o boletim de ocorrência, enviei as imagens, e, ciente que nas semanas seguintes teria provas na faculdade, avisei meus amigos sobre o fato. Eles ficaram indignados, e gentilmente cederam seus resumos para eu estudar.

Passada uma semana, às vésperas de uma nova prova, uma amiga chamou-me para fora da sala – um instante de conversa. Na volta, enquanto eu mexia no celular para absorver ainda o resto do conhecimento necessário, vi um envelope com o meu nome e um laço. Abri e li. Silenciosamente, à medida que discorria aquelas linhas com dizeres tão bonitos, as conversas da classe foram diminuindo até o silêncio. A princípio era uma carta de apoio moral pelo ocorrido, e só por isso eu já estava feliz. Mas não... Era meu novo material de estudos, espontaneamente angariado pelos meus amigos.

Demorei um pouco para entender, não acreditei no primeiro instante. Taquicardia, hiperpneia e lacrimejamento. Faltavam-me palavras que expressassem os sentimentos de minha alma. Segurando a emoção, agradei, sentindo-me humildemente o homem mais feliz do mundo naquela inesquecível ocasião, e afirmei do fundo do meu coração: “vocês também são minha família”.



# Tudo se Transforma

## **CAPÍTULO III** **CONTOS**

Créditos da Imagem: Bruna Leticia Saueressig Barbosa

## Um dia de encanto

*Stéfany Duarte Dossa*

– Venha logo, Yuri. Olhe só para isso! Eu puxava sua mão para me seguir entre as flores do jardim de Asuna. Era um campo de rosas, lírios, jasmims e orquídeas altas, seguidas de brotos novos e recém-floridos na silvestria, todos num campo sob a luz do sol poente. O perfume do orvalho mixado ao doce e ácido aroma das plantas entrava pelo meu nariz, mas atingia meu coração com ardor.

– Ei, calma, Stéfany! Não precisa ter tanta pressa!

– Você anda igual uma mula manca, não tenho culpa!

Assim que chegamos no pico sem mais árvores para sentir o calor do Astro Rei, senti o toque caloroso de seus raios em minha pele, e um brilho colorido em meus olhos. Por algum motivo, me sentia completa e infantilmente feliz, rindo sem preocupações. Abri meus braços como se abraçasse a minha vida fervorosa, e assim pude sentir que estava bem.

Música em violinos e *twidies* ressoavam em minha mente, e como uma boa elfa não pude deixar de dançar. Yuri estava parado olhando aquilo tudo sem que eu notasse.

– Ei, não se faça de sonso! Venha dançar! Está preocupado com quê?

Ele se sentou sorrindo e, apoiando uma das mãos no queixo, respondeu:

–Não, obrigado, prefiro só olhar.

Eu, mesmo com raiva, ignorei aquilo e rindo o puxei para o sol.

– Não é apenas olhando as coisas acontecerem que você vive.  
Vamos!

Não se negando, ele resolveu me deixar levá-lo, mas ainda assim permanecia parado no meio do campo.

Músicas e brincadeiras se passavam pela minha cabeça, meu riso misturado com os meus pensamentos acabaram me levando. Eu puxei a barra da saia e comecei a girar como se levantasse voo, depois batia palmas enquanto dava pequenos pulos e trocava a posição das pernas rapidamente. O calor e a vista de Yuri me acendiam, e meu sorriso era inevitável.

Tanta euforia por causa de um clima, de flores, de lembranças, de um sorriso...

– A-Aaaaaah!

\*Pow\*

Perdida nesses pensamentos, eu tropecei na barra do meu vestido e caí deitada na grama. Não doeu, mas o reflexo me fez dizer “Ai!”. Estava pronta pra levantar, quando eu parei para ver o céu. Eram nuvens róseas envoltas em todo um laranja do céu, enquanto o sol abaixava lentamente, nunca deixando de brilhar. Eu murmurei para mim mesma, suspirando pesado.

– Tão lindo...

Enquanto isso, ouvi os passos de Yuri na minha direção. Parecendo preocupado, ele apareceu na minha frente.

– Você está bem? Eu vi você caindo, e como não levantou achei que tinha batido a cabeça.

Eu sorri para ele e levantei uma das mãos em direção ao sol.

– Desculpa, eu errei.

– Hã? Eu sei, eu vi seu tombo.

– Não isso, criatura... Estou falando do que eu disse antes.

– O quê?

Eu fechei os olhos, relaxei meu corpo e senti uma brisa levemente passar pelas flores em volta.

– Talvez apenas observar às vezes seja bom sim...

YURI

– Talvez apenas observar às vezes seja bom sim... Ela disse vendo a lua aparecer, e com o resquício das estrelas em seu olhar desviou aos meus olhos, cercada pelas pétalas suaves ao tocar seu rosto e se misturando aos seus cabelos. Talvez, apenas talvez, seja bom aproveitar com alguém, mesmo que um amigo. E enfim sorriu, apontando para um lugar entre as flores ao seu lado.

– Poderia me fazer companhia? C-Claro, se quiser. Não gosto de induzir as pessoas, é uma coisa feia!

Por um momento eu ri, sentindo um estranho calafrio na barriga enquanto a olhava, vendo cores festivas em seus olhos. Senti-me trêmulo por estes que, mesmo ativos, fizeram-me sentir tão em paz. Eu me sentei ao seu lado; ela, emburrada, se levantou.

– Sério? Vai ficar sentado? Eu pedi pra me fazer companhia, e companhias ficam na mesma posição!

– Empurrando meu peito para trás, ela se deitou também.

Aquilo não foi nada sutil, se eu quisesse me deitar, eu faria. Conseguiu estragar todo o momento. Bom, não importa, me mantive calado.

Acho que, por esse silêncio ela se manteve inquieta. Parecia pensar longe, mas logo virava a cabeça para me ver, ou para o outro lado, até eu já estava inquieto com aquilo.

– O que foi? Você parece meio nervosa.

– Eu? Nervosa? Claro que não! É que... É que...

Respirava pesado e depois suspirara, finalmente falando com uma calma que eu nunca havia visto antes.

– O... O que você acha das estrelas?

– Estrelas? Bom, são bonitas, brilhantes... Nunca pensei muito sobre isso. Por que o interesse?

O vento soprava nos fios aleatórios de seu cabelo, tocando seu rosto com pouca pressão. Sua expressão era esperançosa, com um delinear de sofrência. Porém os olhos, os olhos continuavam intactos.

– Bom, sempre que eu olho para as estrelas, parece... Parece que há alguma coisa que eu não consigo ver, mesmo que eu tente. Mesmo assim, esse mistério de alguma forma me mostra que eu posso resolvê-lo. De alguma forma, eu consigo sentir que o que está omitido é para... para... para nos dar esperança! É envolvente, é estupefato, é um esplendor frio! Entretanto, eu posso sentir, sei que posso fazer esse esplendor frio se tornar algo surpreendentemente quente, mais profundo, aconchegante...

Eu a olhava atentamente, surpreso pelos pensamentos dela, e confuso por não entendê-los.

– E o que você quer dizer com isso?

– Yuri, toda vez que te vejo, a primeira vez que li sua alma... E-Eu senti isso! Não leve a mal se você não se sente assim, é o que eu acho, mas... Ela virou seu corpo totalmente e fixou seus olhos em mim, como se apelasse: “Por favor, me deixe te descobrir!”

Enquanto a olhava fixamente nos olhos, mas observando ao longe a lua pousar sobre nós, senti que essas palavras me tocaram de um sentimento indeterminado. Meus olhos se arregalaram, tive um desnorтеio repentino, um aperto fervoroso em meu peito. Jamais na vida havia encontrado alguém que se importasse comigo, mas ao mesmo tempo foi engraçado saber que alguém que se preocupava por pouca coisa. Leu minha alma, chega a ser estranho. Eu soltei um riso que nem mesmo sabia que possuía: um riso espontâneo, sem limitações,

de doer a barriga, quase me fazendo chorar, bem idiota. Era um riso feliz, acho eu.

Ela ficou surpresa por um momento, olhando-me como uma criança, e depois que entendeu a situação vi, ainda que com a fraca luz que emanava da lua, seu rosto se ruborizar aos poucos. Seus lábios se retorciam e seu olhar se desviou do meu, esbanjando arrependimento. Ainda assim ela tentou agir como se estivesse com raiva.

– H-Hã? Eu disse algo muito engraçado?

Eu soube naquela hora, enquanto via ela fingir estar com raiva para parecer mais forte, que ela era a pessoa mais fofa que eu já havia conhecido na vida. E que alguma coisa diferente eu sabia que sentia quando estava perto dela, o problema é que eu não sabia o quê.

Assim que consegui parar a risada, continuei com um sorriso imenso no rosto, virando o corpo para poder olhá-la nos olhos. Ela, de cabeça baixa, estava emburrada, ou tentava parecer assim. Tinha cabelo na frente de seus olhos. Por algum motivo quis tirá-lo, mas não o fiz. A razão?

Bom, acho que os vaga-lumes fluando pela nossa volta como lamparinas brilhantes, as flores que nos cercavam já fechadas em seus botões, a lua cálida que transformava tudo ao nosso redor em um branco azulado, as estrelas “esplendorosamente frias e silenciosas” que reforçavam aquele maravilhoso e estranho brilho dela todas as vezes que me olhava...

Talvez tudo isso seja um pouco a razão do meu desejo de beijá-la naquela hora, naquele exato momento. E não mais talvez. Acho que foi a escolha certa.

## ***El macho***

*Rafael Berta*

A chuva caía sob o telhado improvisado de madeira, onde fissuras causavam as goteiras que despejavam suaves gotas em seu chapéu stetson antigo, já com muitas marcas do tempo. Tomando seu café noturno, mantendo os velhos hábitos, o homem grisalho, cujo corpo se revela como uma obra abstrata de cicatrizes, reflete sobre seu passado, silenciosamente, apreciando o som da tempestade que se aproxima.

Sentado em sua cadeira de balanço, diante de uma fogueira feita com galhos secos recolhidos pela manhã, avista escorado no pilar que sustenta seu teto, o infame rifle *winchester*, cujo gatilho está tão gasto quanto a si mesmo. Ele suspira profundamente. Com as mãos trêmulas, deixa de lado o copo de café e leva sua mão direita ao bolso do casaco, retirando uma única bala de calibre .44, com a aparência tão dourada quanto ao ouro extraído nas minas do leste. Nela, gravada com um fino e afiado pedaço de metal, consta um símbolo, remetendo a um raio.

Ao mesmo instante, um barulhento trovão rasga o céu, fazendo que sua luz adentrasse à humilde cabana, se destacando às chamas da fogueira. Ele devolve a bala para o bolso, localizado frente ao coração e após se levanta com dificuldade. Apesar do cair da noite, era um homem de hábitos noturnos. Durante a tarde, preservava suas energias com um sono pesado. Então, lentamente, caminha até o pilar e manuseia seu rifle, quase como se o acariciasse. Como se fizesse parte de si. A intensidade da chuva aumenta, mas isso não o assusta. Após conferir a munição e a trava, equipa-se sob sua alça, baixando a cabeça até que ela a passe e pouse em seu ombro. Com vestes pretas como a escuridão do deserto adormecido, pele morena descascada

do impiedoso sol e seu chapéu que deixava escapar os fios de seu cabelo branco como a neve, o homem abre a porta da pequena cabana, fazendo com que uma ventania forte tomasse conta do local e apagasse a fogueira. Sob os relampejos da tempestade, ele cruzava as gotas de chuva como se não existissem, menosprezando a força da natureza. Guiava-se pela memória muscular, pois já havia traçado o trajeto centenas de vezes. Mesmo sabendo que qualquer animal selvagem estivesse abrigado com medo da chuva que caía, ele analisava o terreno a frente na oportunidade dada pelos clarões do céu.

Caminhou com seus passos sofridos e pesados até uma formação rochosa onde ele se escorou, ainda de pé, enquanto trazia o rifle aos seus braços e o encaixava no ombro se preparando para mirar. O alvo, uma pedra pesada suficiente para aguentar as adversidades do ambiente, mas frágil o bastante para se desfazer com uma bala colocada manualmente sob o único toco seco encontrado em toda a planície, tomava toda a atenção do homem. Sua visão focava na pedra, mesmo com toda a água que escorria pelo seu chapéu, quase como uma cachoeira em miniatura.

A mira traseira já não fazia diferença, tanto devido à chuva, quanto ao seu desalinhamento. Mas, mesmo assim, ele levou o olho direito até ela, como se observasse com precisão o alvo. Ele tinha a certeza do que estava fazendo. Suas mãos antes trêmulas, passam a ser rígidas como a pedra que ele visava. Ele destrava o rifle, leva o dedo até o gatilho e diante de um raio que deslumbrou o ambiente, atira. A pedra, entretanto, continua intacta e o homem a observa com um olhar apavorado. Era a primeira vez em sua vida desde que se tornou um famoso mercenário na qual ele não atingia seu objetivo.

Ao retornar à cabana, não troca de roupa, sem se preocupar em molhar o piso de arenito. A água de suas vestes penetrava as rachaduras do chão. Ele senta-se após selar sua morada em um gesto cauteloso e coloca o rifle em seu colo. Ainda com firmeza nas mãos,

retira novamente a bala do bolso e desta vez a coloca sob a bancada, ao lado do copo meio cheio com café já frio. O sol está nascendo ao leste, iluminando parcialmente seu rosto por uma fresta da parede. O som da chuva cessa e um silêncio repentino toma conta dos arredores.

Ele fixa o olhar à um cartaz pregado em uma das madeiras da parede à esquerda, acima da bancada, datado de 10 anos atrás, cuja gravura diz: *El macho*. Recompensa: \$10.000. Era assim que o chamavam, apelidado pelos mexicanos do sul que temiam sua performance de caça e seu modo de agir impiedoso e rápido como um raio. Então, ele desvia o olhar e passa a observar novamente a bala que carrega consigo desde que a retirou da mão do cadáver do xerife da cidade mais povoada do oeste americano.

Enquanto o sol se deslocava lentamente ao topo do céu, sua cabeça fazia um movimento involuntário para baixo, como se acompanhasse a trajetória dos raios solares. O tempo havia o vencido. Vencido um homem que nenhum outro homem havia tido a capacidade de vencer. Sua respiração passa a ter pausas mais longas, até que, por fim, cessasse. A morte o achou em paz na sua cabana, construída solitariamente pelo próprio como um refúgio no meio do extenso e escasso deserto.

## A reta

*Riquelme Cauan Costa Simões*

Já é tarde da noite. Em frente à janela da sala, observo três pássaros parados em cima do carro estacionado na casa vizinha. A luz do poste ilumina de forma quase espectral aqueles três pontinhos que, pelas sombras projetadas, deduzo serem pássaros.

“Não há como ser outra coisa”, penso.

Suas sombras são distorcidas a cada pulo que dão. Quanto mais próximos ficam, mais deixam de parecer pássaros.

“Está tarde.”

Aquela visão logo me cansa. Deixando o sono tomar conta, decido ir ao encontro da cama. Subindo as escadas, um barulho me chama a atenção, mas o cansaço não me permite averiguar sua origem. A cada degrau que subo, meus pés doem e meus ossos revelam desgaste. Chegando ao andar de cima, encontro o inquilino que se auto convidou: Senhor Fulgor, nosso gato laranja. Rabugento como sempre. Ele apenas olha para mim, ronrona e volta para o banheiro de onde saiu.

“Um bom filho à casa sempre volta...”

Entrando em meu quarto, não faço muita cerimônia: jogo-me na cama e ali mesmo adormeço.

Desperto com o som de passos na sala de estar, logo em seguida o som de um infernal aspirador de pó. Minha esposa já estava acordada.

– Querida! Ainda são sete da manhã!

O som para abruptamente, mas logo retorna.

“Teimosa. Muito teimosa.”

Aquela barulheira ao amanhecer me dava nos nervos.

“Talvez tenha sido esse o motivo da separação; ela é muito barulhenta para mim.” Porém, meus pensamentos são cortados. O som de passos na escada denuncia uma pressa raivosa.

Toc, toc. Batidas na porta.

– Quando vai trabalhar? Já está quase na hora, deveria ir se arrumar.

– Hoje tenho folga. Cris me rendeu.

Um silêncio perdurou por um breve instante. Escuto os passos se afastando, logo após o aspirador ligando.

“Idiota apressada.”

Decido descer para tomar café; todo aquele alvoroço me deu fome. No caminho para a cozinha, observo Jéssica limpando a sala. Percebo o quão linda ela fica quando está concentrada em algo, mesmo que esse algo tenha me acordado tão cedo em um dia de folga.

A cozinha já havia sido limpa. Deduzi pela cafeteira cheia; Jéssica sempre faz café depois de terminar a limpeza na cozinha. Enquanto enchia minha xícara, lembro-me dos pássaros da noite passada. Tento lembrar do formato de suas sombras, mas minha memória parecia estar bagunçada. No meio desta bagunça mental, acabo por fazer uma bagunça real, derrubando o café sobre a pia.

– Ela vai me matar – sussurro com a voz trêmula.

Rapidamente tento arrumar aquela bagunça, mas é em vão. Jéssica já percebeu.

– Sujou o chão, não foi?

Engulo seco e respondo de forma lenta:

– Sim. Desculpa.

Sinto o ar de seu suspiro em meu pescoço. Estranho, ela estava tão longe.

– Não se preocupe, vou limpar depois.

Um alívio percorre o corpo; pensei que levaria um esporro. Decido ir para o quintal. Já fiz bagunça demais dentro de casa. Saindo pela porta dos fundos e olhando em volta, percebo o quão bonito nosso jardim é. “Tão florido...” A melancolia das flores anula a cafeína do meu corpo.

“Dias de folga deveriam ser mais recorrentes.”

O jardim costumava ser muito mais vivo, porém, de uns anos para cá, deixamos de regar algumas flores. Acabaram morrendo por uma má gestão nossa. Tão triste, tão sombrio. Para onde vão todas as flores que morrem? Pelo que me lembro, na escola ensinam que são seres vivos; será que existe um paraíso para elas também? Não sei nem se existe um paraíso, na verdade.

– Preciso ir embora desse lugar, já está monótono.

Deixo a xícara de lado, ergo meus braços e estremeço, espreguiçando-me ali mesmo. “Tão monótono...”

– Vou tomar um banho; enquanto isso, vá comprar algumas lâmpadas – Jéssica esbraveja.

– Lâmpadas? — questiono.

– Sim, lâmpadas. As da frente de casa queimaram, estava um breu nesta madrugada. Não sei como ninguém roubou sua bicicleta – ela me parecia levemente irritada.

– Minha bicicleta não tem valor nenhum.

– As coisas nunca têm valor para você, esse é seu mal.

Com pés pesados e passos lentos, saio de cena. Visto minhas roupas, pego meus sapatos. Pareciam tão desgastados, tão usados, tão cansados. “Há quanto tempo tenho usado vocês?”

Antes de fechar as portas, escuto as gotas do chuveiro batendo no chão do banheiro. Aquele barulho abafado, molhado, deu-me vontade de beber... beber... cerveja bem gelada. Cerveja, a grande aliada dos homens. Não no meu caso, já que sou mulher. Diriam que vinho

é o ideal para uma boa moça, mas nossa, como eu odeio essa bebida feita de uvas amassadas. Acho que comecei a odiar depois de casar com Jéssica. Comecei a odiar muita coisa, na verdade.

Ideias como essa eram comuns quando saía para comprar alguma coisa no mercado. Queria saber quando foi que se tornaram tão rotineiras. Deixando o pensamento um pouco de lado, acabo notando que o trânsito estava mais lento que o normal. Não que fosse um incômodo para mim, já que estava a pé, mas é estranho; não me lembro de ser assim tão parado.

“Será algum acidente?”

– Nossa! Tá parадão! – um homem de cabelos grisalhos grita bem próximo de mim.

Que homem grosseiro, foi a primeira coisa que consegui notar. Gritando tão cedo de manhã, de onde sai tanta energia?

– Opa, peço desculpas pelo grito. Nem notei que você estava tão perto.

– Tudo bem, acabei me assustando, mas acontece. Sabe me dizer por que está tão lento assim?

Ele para por alguns instantes, olha-me da cabeça aos pés. Diria que julgou bastante os meus sapatos, já que ficou muito tempo olhando para baixo.

– Não sei dizer, não, mas aposto que foi algum acidente. Falava tão carismaticamente que parecia até um personagem.

– Ah sim, espero não ter sido nada grave então. Despeço-me dele e sigo reto.

Após vinte minutos (sei bem porque estava olhando constantemente para o relógio), cheguei ao mercado. Logo de cara, noto que sua fachada mudou: estava mais limpa que o normal e agora tinha letras grandes pintadas em branco em um fundo azul-marinho.

“Que logo brega. Vocês estão em que ano? 1990?”

Na entrada, agora havia máquinas de cupom, todos bem mixurucas, diga-se de passagem. Mãos de vaca.

Lâmpadas, lâmpadas, lâmpadas, lâmpadas. Era somente isso que vim comprar. “Mas então por que diabos eu estou levando duas sacolas cheias?!”

Maldito consumismo. Maldito povo americano. Enquanto resmungava sozinha sobre minha falta de autocontrole, um conhecido me chama:

– Dione! Dione!

Teve de chamar bastante, pois naquele momento eu estava em uma grande guerra mental contra minha carteira. Depois de perder a guerra, acabo por responder aos chamados.

– Opa, como tem ido, Abreu?

– Demorou para responder, por quê? Está me devendo algo?

– Se devo ou não, quem deveria saber é você. Burrão – eu realmente devia cerca de sessenta reais para ele, mas Abreu sofre de memória curta e a bebida também não é um ótimo remédio para Alzheimer.

– Sempre curta nas palavras, né? Enfim, está de folga hoje? De forma empolgada, faz-me uma pergunta tão dolorosa... folga... sete da manhã... maldita Jéssica.

– Estou sim. Vim comprar algumas lâmpadas para casa, algum gato deve ter estourado elas ontem à noite.

– Gato? Foi nada. Lá em casa também quebrou tudo. Fiquei puto. Abreu tinha o péssimo hábito de expressar seus sentimentos de forma calorosa.

– Baita coincidência isso aí.

– Coincidência nada. Isso aí é obra de alguma gangue nova! Certeza! Esses merdas! – de novo, muito empolgado.

“Gangue? Em uma cidade do interior? Ah, tá.”

– Deve ter sido, Abreu, deve ter sido.

– Enfim, tenho que voltar para casa, qualquer dia a gente se vê de novo. Manda um abraço para a Jéssica, faz tempo que não a vejo. Tchau! – ele sai correndo em direção ao carro, parecia ter percebido que estava atrasado para algo.

– Jéssica... Eles vão ficar surpresos quando souberem do divórcio – minhas palavras vão diminuindo junto com a distância que Abreu toma de mim. Quando sumiu de vista, decidi voltar para casa também. Casa essa que estava no nome de Jéssica; nem minha era. Não tenho mais casa.

Na volta, meus braços doem. O serviço destruiu meus músculos mesmo. Acabo parando para descansar em frente a um complexo de apartamentos e algo prende minha atenção: estavam todos trocando suas lâmpadas. Do bloco A até o H. TODOS. O problema foi tão grande que já havia caixas cheias de cacos de vidro e pequenos fragmentos no chão ao redor.

A coincidência parecia ser séria. E nessa estranha visão, outra coisa tão estranha quanto me prende. A memória da noite passada volta à tona: no canto esquerdo de um dos prédios, no segundo andar, uma janela escura deu-me calafrios. Quando olhei para lá, todo aquele breu, aquela escuridão profunda, era tão absurdo. Era manhã, não tinha como um quarto ficar tão escuro assim, impossível.

Meus olhos marejaram e uma pequena lágrima caiu. Naquele escuro, deparei-me com dois olhos, dois olhos lindos. Uma nostalgia percorreu-me instantaneamente. E quando a segunda lágrima estava prestes a cair: plim. Uma lâmpada acendeu, seguida por vozes: “pronto, mãe, não precisa mais ficar no escuro”.

No escuro. O que tinha naquele escuro?

Cheguei em casa com um sentimento de angústia gritante. Meus ouvidos e olhos pareciam não estar conectados no momento presente.

“Tão cansada.”

Presumi que Jéssica já tinha terminado de tomar banho, dada a demora que levei. Devia estar sentada na sala, assistindo a algum *reality show* idiota. Podia sentir que ela estava falando alguma coisa, mas não liguei, nem ao menos a escutava.

– Tô cansada, vou deitar.

Subi as escadas em passos apressados. Diferente da última noite, meus pés já não doíam, muito menos meus ossos rangiam. Observei minha cama arrumada, lençóis trocados, cheirinho de hortelã pelo ar. Deitei de bruços, afogando meu rosto no travesseiro, sentindo todos os meus males se afundando junto. Uma boa cama e um caloroso lençol não deveriam ser negados a ninguém.

Adormeci.

Acordei já no fim da tarde, com meus sentidos voltando lentamente. Desci para tomar o café, como faço de costume. Porém, algo me irritou profundamente: não tinha café.

– Porra, não tem café – calorosamente digo, em tom súbito.

“Liga-se o fogão. Deixe a água ferver. Cinco colheres de açúcar. Três colheres de café. Deixe ferver. Passe pelo coador. Coloque em sua garrafa. Despeje em sua xícara. E o café está pronto.”

Café. Eu amo café.

– Ama mesmo?

– Sim.

– Tenho notado que está diferente nestes últimos tempos. O que aconteceu com você?

– O trabalho tem me cansado bastante, já não tenho tempo para nada.

– O trabalho, você diz... O trabalho que você largou há duas semanas? Ou aquele em que se acidentou?

– Não tive nenhum acidente e muito menos larguei emprego algum. Hoje apenas tive folga.

– Folga. Por duas semanas consecutivas?

– Esta foi minha primeira folga do mês, o que diabos está falando?

– Quinze mil e quinhentos. Essa é sua dívida atualmente.

Cuspo o café sobre a mesa. Que cena hilariante. Eu endividada? Até parece.

– A única dívida que tenho são alguns reais no bar com o Abreu. Nada mais que isso. Para de falar bobagem – orgulhosamente digo.

– Você é quem está falando bobagens, só tem você aqui.

De fato: a cozinha estava vazia, só restava eu e meu reflexo turvo dentro de minha xícara de café. Após isso, Jéssica entra em cena, resmungando sobre a sujeira que fiz em cima da mesa. Peço novamente desculpas, mas ela tampouco dá ouvidos; não me escutava, nunca me escutou. Ela só faz o que quer. Por isso não vive mais ali.

Então, quem resmunga?

– Dione! Olhe para seu pai, ele está falando sério! – uma senhora de cabelos curtos, com um vestido longo, típico de gente mais velha, obriga-me a olhar para um homem à sua direita. Um homem alto, careca, que parecia me repreender duramente sobre algo.

– Você já é crescida. Precisa arrumar alguma coisa. Sou seu pai e te amo, mas as coisas estão apertadas. Não consigo sustentar tudo sozinho. Não mais.

E o homem continuava: falava sobre dívidas, falava sobre despesas médicas. Não sabia o motivo de tanto alarde, ninguém parecia doente, todos refletiam ótimos rostos, apesar da idade. Permaneci em silêncio o tempo todo; não conseguia pensar em nenhuma frase boa para aquela situação. Fugia de meu controle.

– Vou para a sala. Vocês falam demais.

Os dois suspiraram, tensos, mas liberaram a passagem para a sala. Na TV, um acidente estava sendo noticiado. Parece que foi grave. Fiquei parada, curiosa, esperando a informação de quantas vidas foram perdidas. Apesar da gravidade do acidente, apenas uma vítima foi fatal: uma jovem de cabelo curto preto, olhos castanhos, vestindo uniforme de uma empresa de empregadas domésticas. Lembro de ouvir o repórter dizer que a causa foi por ela estar com muita pressa. Aonde ela queria chegar?

Desliguei a TV. Cansada de tragédia, peguei meu café e observei pela janela, já tarde da noite. A mesma sombra é projetada ao chão. Os três pontos retornam para me assombrar. Só que agora é diferente: eles estão tão próximos que, de fato, presumi não serem pássaros; na verdade, agora não faço ideia do que sejam.

Minutos depois (acho que foram quatro minutos), um dos pontos se distanciou em sentido diagonal. Em seguida, o ponto central foi no mesmo sentido. O terceiro ficou sozinho. Mas, mesmo distanciados, eles ainda projetavam a mesma sombra, sem diferença de tamanho ou qualquer deformidade. Me compadeci pelo que ficou; ele parecia abandonado. É estranho falar isso, mas, algo além da curiosidade, senti identificação com ele, seja lá o que for. Animal ou não, é triste ficar sozinho.

Então deixei minha xícara sobre o sofá e saí de casa em direção aos pontos. Seguindo em linha reta para não os deixar escapar.

“Desta vez vocês não vão escapar.”

E fui me aproximando, lentamente, para não os assustar – isso presumindo que eram algum trio de animais. A cada passo dado, eles se afastavam mais entre si. Já estavam quase virando um triângulo, de tão distantes.

Creck – a lâmpada do poste se quebrou.

– Droga.

Eles ficam em estado de alerta, movendo-se de um lado para o outro, assustados. Afugentaram-se. E, na minha mente, só um pensamento restou: “Corra. Apenas corra”. E foi isso que fiz: corri o mais rápido que pude, perseguindo-os apenas pelas sombras que refletiam e a cada lâmpada que quebravam no caminho.

Creck. Creck. Creck. Creck. Creck.

Encurralei-os, finalmente! Agora vocês são meus. Fui me aproximando com pressa, ansiosa. Minha visão foi ficando turva e meus olhos marejaram novamente. O primeiro veio em minha direção, parecia ser o mais corajoso. Em seguida, o segundo se pôs por cima do primeiro, e o terceiro... bom, o terceiro ficou parado.

As lágrimas em meus olhos não me permitiam ver suas formas; por mais que as enxugasse, não os reconhecia de jeito nenhum. Nunca os vi, mas uma nostalgia percorria meu corpo como um grande fluxo de água que saía por meus olhos. E eles me tornaram uma cachoeira de melancolia, de dor.

- O que são vocês?
- O são vocês o quê?
- São o vocês o quê?
- Vocês o que são?

O ponto solitário agarrou-se ao meu braço esquerdo e me guiou para alguma direção. Com meus olhos inutilizados pelas lágrimas, tive que segui-lo sem muita escolha. Foi guiando meu caminho.

“Siga em frente. Uma voz doce disse”.

“Vire à direita ao ver o banco. Uma rouquidão falou”.

“Corra bastante. Jéssica disse”.

Estou paralisada. É estranho, pois minhas pernas se movem. São movimentos tão efêmeros, tão vazios. Por que estou correndo tanto?

“A presa à frente de seu predador.”

“Como ainda consigo pensar?”

Era uma reta interminável, um pavor penetrante. Cada pelo, cada molécula, cada átomo meu ali vibrava. Não sei ao certo quanto tempo se passou. Tentei começar a contar em determinado momento, mas foi em vão; meu senso de direção já havia sido destruído, meu espaço foi corrompido, invadido, minha visão obstruída.

“Isso nunca acaba? Por que nunca acaba?”

Cada parte minha sumiu. Meu corpo já não tinha forma, o sentimento de correr não existia, o coração não batia, os pulmões não se contraíam. O estômago não desejava comida. Se algo sobrou, esse algo foi todo o resto: o resto de mundo, o resto, o resto, o resto, resto.

“Casa.”

E então tudo para. Meus sentidos voltam aos poucos, de ordem em ordem, como um zigoto se transformando em feto, que se transforma em bebê, e de bebê parte para o nascimento; e no nascimento chora – choro esse que o acompanha na infância, que dá lugar à melancolia da juventude, que origina a escravidão da vida adulta, a dor dos ossos velhos, que ao pó retorna.

O último sentido a voltar é a visão, logo após uma forte luz atravessá-la. “A primeira coisa que nos é apresentada ao nascer é a visão. Em seguida, são as lágrimas”.

Lágrimas.

A luz me faz chorar mais ainda, cada gota salgada expelida pelas retinas. Ironicamente penso: “Poderia ter salgado um churrasco com isso”. Ainda chorando, percebo estar deitada no chão. Era duro e gelado, úmido. Mas, para mim, naquele instante, era a coisa mais confortável que já havia experimentado.

No fim das lágrimas, tento virar a cabeça para a esquerda, desviando da luz, e assim consigo observar mais atentamente ao redor. Era familiar. Não me recordava com tanta certeza para afirmar a

localização correta. Era como se fosse meu lugar de origem. Como se fosse minha casa. Eu parecia uma sombra ali deitada, iluminada pelo poste. E a cada movimento que fazia para tentar levantar, menos eu conseguia, de fato, levantar.

Logo isso me cansou e o sono me dominou. Fui me contorcendo enquanto dormia e menos fui parecendo humana, de giro em giro, em busca de conforto. Com o tempo, achei uma posição boa para descansar. Porém, alguém observava pela janela com sua xícara de café esfumaçado. Ah, um café cairia bem agora. Só não sei como eu beberia; já não tenho mais boca nem estômago. Minhas entranhas? Cuspi fora. Meus cabelos? Caíram no esfregar do asfalto. Meus pulmões? Dilacerados. Meu coração? Partido. E meu cérebro? Bom, este foi trocado apenas por lembranças.

## Tigrinho

*Jeanderson Domingos Minotto Bomazar*

Carlos apertou o volante do seu carro surrado, um Fiat Uno que usava para fazer corridas por aplicativo. O suor escorria pela nuca, não apenas pelo calor infernal do verão de Criciúma, mas pela ansiedade que o consumia. O aluguel estava atrasado há dois meses, a geladeira vazia e a pensão alimentícia do filho, um peso constante na consciência, acumulava-se como um saco de cimento em suas costas. Ele morava no bairro Progresso, um nome que soava como uma piada de mau gosto para quem olhasse a rua onde vivia – sem asfalto, esgoto a céu aberto, um retrato fiel da estagnação que parecia ter se apossado de sua vida.

Seu olhar se fixou no celular, a tela rachada refletindo a luz bruxuleante do poste. A notificação que ele tanto esperava ainda não havia chegado. O benefício social, pouco mais de quinhentos reais, era sua última esperança, seu bilhete para a salvação – ou, pelo menos, para o que ele acreditava ser a salvação. Não para pagar as contas, não para comprar comida, mas para jogar. Para o “Jogo do Tigrinho”.

Nas redes sociais, a voz sedutora de Gigi dos *Slots* ecoava em sua mente.

– A hora do Tigrinho chegou, meus amores! Multiplique seu dinheiro, realize seus sonhos!

A *influencer*, com seus dentes perfeitamente alinhados e um sorriso que prometia fortunas, era a personificação da esperança para Carlos. Ele via os vídeos dela, as vitórias espetaculares, os depoimentos de pessoas que, como ele, estavam no fundo do poço e encontraram a luz através do Tigrinho. Era um milagre, ele pensava, um atalho para sair da miséria. E ele precisava de um milagre, mais do que nunca.

Finalmente, a notificação chegou. O crédito do benefício social. Carlos sentiu um arrepio na espinha, uma mistura de alívio e adrenalina. Abriu o aplicativo do banco, confirmou o valor e, sem hesitar, transferiu quase tudo para a plataforma do jogo. Quinhentos reais. Era o que restava. Ele sabia que deveria usar para o aluguel, para a pensão, para comida. Mas a promessa de Gigi dos *Slots* era mais forte.

– É a sua chance, Carlos! A sua chance de mudar de vida! – disse para si mesmo.

Ele começou a jogar, os dedos ágeis na tela, o coração batendo forte no peito. Cada giro era uma oração, cada combinação de símbolos uma esperança. Mas a sorte não estava do seu lado. Os quinhentos reais se foram em questão de minutos, engolidos pela máquina insaciável. O desespero começou a se instalar, uma dor na barriga que não era de fome, mas de pânico.

Ele tinha mais algumas corridas para fazer, talvez conseguisse mais algum dinheiro. Mas precisava comer. Passou por um restaurante, o cheiro de comida caseira invadindo o carro. Uma marmita, dezoito reais. Ele pensou em parar, mas a voz de Gigi ecoou novamente:

– Não desista! A sorte está a um giro de distância!

Ele ignorou a fome. Dezoito reais poderiam ser a virada, uma chance de uma vida melhor. Ele apostou. E perdeu. A fome agora era física, real, e a frustração dominou sua mente.

Os dias seguintes foram um misto de privações. A luz foi cortada. Carlos tomava banho gelado, no escuro, sentindo a água fria escorrer pelo corpo e levar consigo o resto de sua dignidade. As refeições, que já eram escassas, tornaram-se apenas uma lembrança distante. Ele não conseguia sequer pagar por uma xícara de café. Em vez disso, passava em recepções de lojas onde havia café de graça, e bebia o que podia em copinhos plásticos, sentindo o amargor da bebida e da sua própria situação. Cada centavo que ganhava nas corridas era imediatamente direcionado para o jogo, numa espiral viciosa que parecia

não ter fim. Ele estava preso, e o Tigrinho, que prometia liberdade, era agora sua prisão.

No ápice do desespero, com o aviso de despejo fixado na porta e o telefone cortado, Carlos recorreu ao último recurso — Seu Domingos. O agiota era uma figura temida no bairro, um homem truculento, com um olhar que parecia penetrar a alma. Seu escritório, nos fundos de um bar mal iluminado, cheirava a cigarro e medo.

– Então, Carlos, o que te traz aqui? — a voz grave de Seu Domingos ecoou, enquanto ele palitava os dentes com uma faca de churrasco.

Carlos respirou fundo.

– Preciso de um empréstimo, Seu Domingos. Quinhentos reais.

O agiota sorriu, mas não de alegria.

– Quinhentos? Pra quê? Pra pagar o aluguel? A pensão? Ou pra gastar no seu joguinho?

Carlos sentiu o rosto avermelhar.

– Isso é problema meu, Seu Domingos. Eu pago. Juro que pago.

– Jurar não paga conta, meu consagrado. Mas tudo bem. Quinhentos reais. Juros de cinquenta por cento. Em uma semana. Se não pagar, a gente conversa de outro jeito.

Seu Domingos estendeu a mão, e Carlos, sem alternativa, fez o mesmo, sentindo o aperto firme e ameaçador.

Com o dinheiro em mãos, Carlos sentiu um breve alívio. Mas a euforia durou pouco. A promessa de Gigi dos *Slots*, a ilusão de um ganho fácil, era um canto de sereia irresistível. Ele sabia que deveria usar o dinheiro para quitar as dívidas mais urgentes, mas a compulsão era mais forte. Em poucas horas, os quinhentos reais de Seu Domingos foram parar na plataforma do Tigrinho, e, como antes, desapareceram sem deixar rastros. Carlos estava à beira da loucura, lágrimas

escorrendo pelo rosto, a mente em um turbilhão de arrependimento e desespero.

Uma semana depois, a porta de Carlos foi arrombada. Joãozinho Boca-de-Traíra, capanga de Seu Domingos, um homem corpulento e violento, entrou no pequeno cômodo.

– Seu Domingos pediu para te mandar um recado – disse Joãozinho, com a voz rouca.

Ele agarrou Carlos pela gola da camisa, erguendo-o do chão com facilidade. Socos e chutes vieram em seguida, cada golpe uma lembrança dolorosa de sua irresponsabilidade. Quando o capanga o soltou, Carlos caiu no chão, ofegante, com o corpo dolorido. Boca-de-Traíra colocou algo em sua mão. Era uma bala de revólver.

– Amanhã eu volto. Se o dinheiro não estiver aqui, a próxima bala vem voando.

Carlos ficou ali, no chão, segurando o projétil, o terror gelando suas veias. O Tigrinho havia cobrado seu preço, e ele era alto demais.

Na manhã seguinte, com o corpo dolorido e a dignidade em farrapos, Carlos saiu para mais um dia de corridas. A bala em seu bolso pesava mais que o próprio carro. A cada passageiro que entrava, ele via um potencial salvador, mas a vergonha o impedia de pedir ajuda. Durante uma breve parada para abastecer, seus olhos varreram o chão, sem esperança. De repente, um milagre. Uma nota amassada, perdida entre as folhas secas. Dez reais. Uma quantia irrisória, mas para Carlos, naquele momento, era uma fortuna.

Ele sabia o que deveria fazer. Comprar algo para comer, talvez. Mas a voz de Gigi dos *Slots*, que parecia ter se tornado um parasita em sua mente, sussurrava:

– É a sua chance, Carlos! A última chance!

Fez a recarga numa banca – dez reais. Com as mãos trêmulas, abriu o aplicativo do Tigrinho. Era tudo ou nada. Apostada feita, o

coração acelerado. O tigre girou, os símbolos começaram a se alinhar... então, a tela explodiu em um amarelo vibrante.

MEGAPRÊMIO! VOCÊ GANHOU R\$ 20.000,00.

Carlos não acreditou. Vinte mil reais. Era o suficiente para pagar Seu Domingos, quitar o aluguel, a pensão, e ainda sobraria para recomeçar. Uma onda de alívio o invadiu, seguida por uma euforia incontrolável. Ele riu, chorou, e agradeceu a todos os santos. A sorte finalmente havia sorrido para ele.

Ele dirigiu para casa, o celular vibrando com a notificação da transferência. O sol parecia mais brilhante, o ar mais leve. A rua do Progresso, com seu esgoto a céu aberto, parecia menos feia. Ele estava livre.

Ao estacionar o carro, uma nova notificação surgiu na tela. Era Gigi dos *Slots*, com seu sorriso perfeito e sua voz animada:

– Deu a louca no Tigrinho! Novas chances de ganhar. Bônus exclusivos, não perca!

Carlos sorriu com o canto da boca. Um sorriso torto, quase imperceptível. Ele desbloqueou o celular, abriu o aplicativo do Tigrinho. A tela brilhou, convidativa. E Carlos, com vinte mil reais na conta, sabia que chegara a sua hora de ficar milionário...

## Desvario incalculável

*Elvis Preis Anacleto*

Já fazia sete dias que estávamos onde todos queriam estar num dia de estresse, naquele dia que dá vontade de sumir de tudo, mas que depois de exatos quatro minutos a vontade de estar numa cama confortável com o *smartphone* em mãos, olhando as mensagens recebidas do dia eram tudo o que eu queria. A sensação de ter “abandonado” uma vida normal com o máximo de conforto e vindo parar nesse lugar, quando submetidos ao vício eletrônico assemelha-se ao diabético sem poder ingerir qualquer grama de açúcar ou a um jogador sem fazer uma mínima aposta naquele fim de semana, completo desastre e depressão, todavia não foi escolha minha nem sua que eu viesse parar aqui.

Deve ter tantas perguntas em sua mente que seriam impossíveis de responder, só se estivéssemos em algum restaurante servindo qualquer coisa que não fosse frutos do mar porquê de frutos do mar estou farto. Como estão os meus sentimentos? Iguais a de um vestibulando que com pressa estuda ao máximo para que lá no final consiga a liberdade e o verdadeiro descanso pois quando o ânimo se aproxima, transformo-me num completo iludido e corro para tentar sair desse lugar. Como uma pessoa vai sair de um lugar sem nem mesmo saber como chegou? Essa é a parte do estudo que no meu caso nunca deu certo, ou seja, jamais verei a liberdade e/ou o descanso.

Seria tão triste estar aqui sozinho e isolado do mundo, mas pelo menos esse lugar trouxe comigo uma companhia que desde o começa jamais hesitei de me tornar amigo ou algo parecido. Alguns vão dizer que ele está apaixonado, no entanto lamento informar que a natureza deste lugar não foi tão bondosa a esse ponto, entretanto proporcionou uma amizade que levarei para qualquer ambiente. Ele

tem consciência? Creio que sim. Ele tem sexo? Do gênero masculino. Confiar nele? Ninguém confia num curto período. Calma, tem uma exceção. Já repararam que tudo tem uma exceção? Nada criado pela natureza é algo certo de que não possa ser transformado, entretanto, nunca poderá ser criado ou destruído e essa exceção cabe aos apaixonados, ao amor à primeira vista que já basta aquela primeira noite para jurar amor pela vida inteira pois parece que conhece aquela outra pessoa a muito mais tempo que apenas algumas horas, contudo esse não é o caso como já havia dito anteriormente. Também não sei se ele realmente é real ou algo criado por esse lugar, mas que já demonstrou companheirismo e solidariedade.

Eu poderia aproveitar a oportunidade e dizer onde estou, pedir socorro ou qualquer coisa relacionada, entretanto não sei se realmente quero sair daqui, e aqueles que realmente querem que eu fique não vão permitir que eu exponha esse lugar tão encantado e novo. Algumas vezes meu coração pede de novo o aconchego de minha família, outras vezes meu cérebro em meio as suas sinapses acabam me levando para onde eu quero e essa vontade acaba passando pois só de pensar em voltar para o meio de certos eventos que a sociedade exige você viver, o desanimo acaba vencendo o vício e a saudade. Fazendo essa reflexão que nunca tinha feito antes porque aqui não temos lápis e papel ou algo que possibilite a escrita, e tudo estava guardado dentro de mim, inexplorável sequer pelo dono desses sentimentos tão complexos de serem analisados.

Quando me avisaram de tamanha bondade em permitir que eu escrevesse, colocasse a carta numa garrafa e jogasse no mar, minha felicidade se tornou concreta e pude perceber a bondade vinda daqueles olhos tão singelos que teve o júbilo de dar essa notícia para mim e que meu coração quase parou e o desejo de tê-la tornava-se presente, não obstante no fundo sabia a impossibilidade por causa que nossas condições eram diferentes. Em minhas últimas palavras, se for mesmo as últimas, caso você tenha a ventura de parar nesse mesmo

lugar, saiba que não estará sozinho. Sempre terá alguém como eu para poder auxiliá-lo. Nos momentos de revolta, o sentimento de carinho será recíproco e em pouco tempo serás como um peixe que saiu fora da água, mas que se adaptou e virou um réptil.

NOTA: Comunicado urgente do Hospital de Custódia Tratamento Psiquiátrico. A partir da falha de segurança e sistemas, um de nossos pacientes de quadro clínico preocupante fugiu e está nas ruas. Alertamos a polícia, pois o enfermo já obteve denúncias envolvidas em agressões espontâneas e oferece riscos à população. Sugerimos que todos fiquem em suas casas. Caso sofram qualquer tipo de lesão, procurem algum lugar seguro e chamem a emergência. Ordens da polícia militar.

## Memórias e encantos dos jogos de bolita

*Rodrigo Goldschmidt*

O calor do lado de fora e a sombra dos cinamomos, que ficavam na lateral da nossa casa, eram convidativos para mais uma tarde de jogo de bolitas.

Cada um de nós, os guris, tinha a sua própria lata ou bolsa de bolitas, composta de uma bolita grande, com a qual era mais fácil acertar as menores; bolitas águedas (com risquinhos coloridos em seu interior); bolitas leitosas; bolitas “olho de boi” (brancas com um “olho” azul, verde ou marrom); bolitas azuis; bolitas verdes (as mais comuns); e a famosa bolita “troquis”, uma bolita bem pequena (que alguns meninos retiravam da biqueira das garrafas de uísque) usada para ser substituída pela bolita normal que seria atacada pelo adversário, a fim de dificultar/diminuir a possibilidade de ele acertá-la.

Em geral, o preparo da “cancha” contava com a colaboração de todos os participantes.

Um, com o calcanhar, fazia o “boco”. Outro, com um pauzinho ou uma pedra, fazia o risco (de onde iniciava a partida). Os demais cuidavam da limpeza da área, removendo folhas, galhos, pedrinhas, besouros, enfim, tudo o que pudesse atrapalhar a movimentação das bolitas.

Com isso pronto, iniciava-se a gritaria. Em geral, os mais espertos já iam falando “prima”, pois quem se manifestasse primeiro tinha o direito de iniciar o jogo. Os demais iam dizendo “segundo”, “terceiro”, até completar a ordem dos participantes para iniciar a partida.

O jogo consistia em o participante se posicionar atrás da risca e jogar a sua bolita o mais próximo do “boco”. Alguns, de tão treinados, acertavam o boco de primeira.

Depois de acertar o boco, o participante estava autorizado a atacar, com a sua bolita, a do adversário.

Aquele que acertava, ficava com uma das bolitas do adversário como recompensa por seu êxito. No caso, o perdedor poderia entregar qualquer uma de suas bolitas. Em geral, uma mais simples, desde que não estivesse quebrada ou trincada.

E, nesses moldes, a partida seguia. Ganhava quem arrecadava mais bolitas dos adversários. Além disso, o vitorioso tinha o direito de iniciar, “por primeiro”, uma nova partida.

No decorrer do jogo ocorriam algumas artimanhas. Por exemplo: ao ser atacado, o jogador tinha que rapidamente dizer “troquis” para colocar uma bolita menor no lugar daquela que seria atacada. Se não dissesse, não poderia trocá-la, aumentando a margem de o atacante acertar sua bolita.

Outra boa era dizer: “tudo de enterris”. No caso, ao ser atacado, o jogador tinha que bradar a frase em tela rapidamente. Se conseguisse, poderia “enterrar” um pouco a sua bolita, dificultando a possibilidade de o atacante acertá-la.

Enfim, havia várias convenções, como “tudo de levantis” (o atacante que dissesse isso poderia tirar a mão do chão e levantar a sua bolita na altura de um palmo para atacar a bolita do adversário); “tudo de risca” (o atacante poderia atacar a bolita do adversário a partir da risca inicial do jogo); “tudo de tudo e nada de nada” (no caso, quem bradasse primeiro essa frase, poderia fazer tudo o que o jogo permitia, e o adversário não poderia fazer nada que pudesse favorecê-lo).

Assim, seguíamos jogando e nos divertindo ao longo da tarde.

Porém, o ponto mágico era quando o pai chegava do serviço. Ele passava por nós para entrar na nossa casa pela porta dos fundos. Daí eu gritava:

– Pai, paiê... joga com a gente.

Às vezes, ele estava cansado e não participava. Mas, em outras tantas ocasiões, ele concedia. Então colocava uma bermuda jeans e vinha jogar conosco.

O pai era canhoto e tinha uma força e uma mira invejáveis na bolita. Daí, quando ele começava a jogar, ficavam todos de “boca aberta”, fascinados, pois ele ia, um por um, “rapando” as bolitas dos adversários.

Às vezes, ele jogava a sua bolita com tanta força que quebrava ou tirava lasca da bolita do adversário.

Nós, é claro, tentávamos imitá-lo, para pegar mais técnica e força, porém não chegávamos perto de sua habilidade.

Então eu, na condição de filho, “estufava o peito” de orgulho do pai, o “imbatível”. E dizia isso, orgulhosamente, a todos os meus amigos.

No fim das partidas, o pai, generosamente, devolvia as bolitas arrecadadas para cada um dos seus “adversários”, geralmente incentivando-os e dizendo que todos tinham jogado muito bem. Porém, ele fazia um pedido para a gurizada: “quando iniciar a época do bodoque, eu quero umas bolitas de vocês para brincar de tiro ao alvo”.

E eu e os guris, quando chegava a respectiva temporada, prontamente cedíamos as bolitas, pois ver o pai atirando no alvo de bodoque era um outro espetáculo.

Memórias e encantos dos jogos de bolita.

## João e o mar

*Beatris Pizzoni de Freitas*

O sol despertava como um ponteiro luminoso ao leste. As dunas, brancas e deleitosas, estendiam-se por toda a extensão da fina linha que separa mar e homem. O leve barulho da chaleira apitando já era ouvido. O pó de café estava em cima da pia, e seus grãos caíam no chão, pois as mãos que seguravam a colher já não eram tão firmes. Eram mãos de João.

João era um homem robusto: tinha bochechas avermelhadas, olhos miúdos e cheirava a colônia barata. Ninguém sabia de onde viera nem onde estava a sua família. Simplesmente, ele estava ali desde sempre. Nasceu com as dunas, com a rede de pesca e com a pele queimada do sol.

Logo cedo, preparou seu café – amargo e com pouco pó –, pegou sua rede de pesca e andou em direção à praia, batendo o sal do mar e tirando as pequenas algas que ficaram grudadas nos longos fios de nylon.

– João, você sabe que precisamos conversar.

A mulher de roupa azul, de um órgão governamental qualquer, olhava penosamente seu João. A expressão, já cansada, adiantava toda a lástima de uma história já repetida: ele não iria sair dali. As dunas, outrora amigas e protetoras dos caminhos do homem da rede, avançavam com tamanha voracidade pelo pequeno vilarejo – onde as casas já estavam vazias – que só restava ali João. João e o mar, o mar e João.

O senhor, de bermuda furada e com a rede de pesca nos ombros, apenas olhou para a mulher e seguiu para o mar, em uma espécie de transe repentino. Não, não era transe. Era uma relação maior. A

relação de um homem com sua amada, de paixão correspondida, de ligação: era o mar e João; João e o mar.

O ritual se repetia todas as manhãs: despertar sem alarme, café fraco, barulho do mar, seu João com a rede, a moça de azul.

– Seu João, a gente precisa conversar.

João não iria conversar. Acostumou-se com o silêncio, e ele se acostumou com seu João. João, João... o que teria de conversar? O que era mais urgente que sua rede e seu mar?

O sol despertava como um ponteiro luminoso ao leste. As dunas, brancas e deleitosas, estendiam-se por toda a extensão da fina linha que separava mar e homem. A chaleira não apitou naquela manhã. A moça de azul estava lá, mas seu João não. A placa de “interditada” continuava solitária em frente à casa do velho homem, já consumida pelas dunas que avançaram no trilhar da noite.

Se João saiu mais cedo. Se foi para o mar, ninguém sabia. Acabou como muitos mistérios que envolvem o imaginário humano: virou história.

## O sonho

*Luiz Gustavo Pereira da Silva*

Ele acorda mais uma vez atormentado. Não se lembra de onde esteve antes dali, mas sabe que não quer voltar. Levanta-se confuso, busca um café para consolá-lo e sente calafrios que atravessam seu espírito.

O corpo está cansado, mas não pode correr o risco de se deitar novamente, pois não sabe se voltará. Imagina, sente que será seu fim, mesmo não sabendo o que o aguarda, pois sua memória ainda não regressou.

O café morno não ajuda, mas o faz lembrar por onde andou, reforçando sua certeza de não querer regressar. O sol ainda não nasceu, seus olhos pesam, sente-se confuso e o sono o hipnotiza.

Mesmo de pé, seus olhos se fecham por alguns segundos e, quando percebe, seu corpo gela; abre-os novamente assustado. Acende o fogo para esquentar o café, e é a primeira vez que sente algum conforto depois de acordar.

“Eu não sairei daqui” – pensou ele, e se deliciou tanto com essa sensação que o café acabou fervendo. Mesmo assim, ele o toma, implorando algum consolo, e o amargo o fez se lembrar, mesmo não sabendo o que se lembrou.

Apagou o fogo e cogitou nunca mais dormir, lembrou-se das histórias que ouviu sobre monges que ficam anos acordados. Pensou que também seria capaz. Foi ao quarto e resolveu arrumar a cama para reforçar que lá não regressaria.

Quando terminou, olhou-a e sentiu o seu conforto. Algo o chamava. Talvez fosse seu algoz. Então deixou de lutar e se deitou, rendendo-se seja lá o que o esperava. Mas ele tinha certeza de que não

era nada de bom. Segundos antes de adormecer, ele sentiu que era o seu fim, também sentiu um pesar, pois não seria um fim tranquilo.

Pela manhã, o sol tocou seu rosto e o acordou, ele não havia sonhado.

## O que mora no rio

*Jhéssica Marcello Medeiros*

Abro os meus olhos. Estou na beira do rio, encarando a água. Sinto um abraço enquanto mergulho em águas profundas. Eu a encontrei.

Acordo com o sol entrando pela cortina. Droga! Morar em uma kitnet na cidade grande é desafiador: pequena, mofada, mas perto o suficiente da universidade.

Tento me agarrar ao sonho, mas meu celular vibra. É uma mensagem de Lulu, uma amiga de infância: “Bom dia, Nana. Ainda sem notícia da Julinha?”.

Porra! Minha irmã caçula sumiu faz cinco dias. Tia Antônia insiste em dizer que ela deve ter fugido depois da briga que tiveram. Mas a cidade tem pouco mais de 200 habitantes. Lulu saberia. Lá, a fofoca corre mais rápido que o rio.

“Ok, estou indo pra aí. Me mantém informada” – respondo.

Ligo dezenas de vezes para Júlia, e a caixa postal me responde em todas elas. Chego à minha antiga cidade me lembrando da promessa de não voltar antes de ter meu diploma nas mãos. Na minha antiga casa, vejo tia Antônia sentada na varanda. Preciso me aproximar muito até que ela me reconheça. Esperava outra pessoa?

Surpresa, sua mão vai em busca das muletas. Tia Antônia perdeu a perna para a diabetes meses atrás.

– O que você está fazendo aqui? – Senti saudade, amor e medo na voz dela. Abracei-a o mais apertado que consegui.

– Eu não podia deixar vocês sozinhos, tia.

Tio Nelson, marido de tia Antônia, chega com uma carranca de quem não pescou nada, que logo se transforma em um sorriso. Lembro, no abraço, que meu tio não cheira a peixe, mas como o rio: madeira, mato fresco e vida. Nasceu mudo, e suas ações sempre falam por ele.

Não espero para trazer o assunto que me levava até ali.

– Não foi só por briga ou pirraça. Júlia não é irresponsável, ela teria nos avisado.

– Os homens já procuraram em cada curva desse rio, Mariana. Sua irmã está viva e bem. Só nos resta esperar ela voltar.

– Não tem como esperar sem fazer nada.

– Nana, eu é que não posso fazer nada. – Minha tia apela para meu apelido de infância enquanto aponta para a perna amputada. – Hoje tem reunião de moradores, vamos falar sobre isso.

A reunião de moradores agia como uma prefeitura, já que a burocracia da cidade grande não chegava até a cidadezinha. A comunidade trazia os problemas e um pequeno conselho, formado por um grupo de sete anciãos, incluindo meus tios, decidia o que fazer em uma conversa privada. A reunião acontecia em um galpão e meus tios ocupavam um pequeno palco à frente, ao lado de dois homens.

– Metade do conselho já caiu no rio, Nana. – Uma risada familiar me alcança.

– Lulu! – Minha velha amiga não envelheceu um só dia desde que fui embora.

– Boa noite. – Minha tia parece gigante naquele palco. – Vamos começar a reunião trazendo o assunto mais importante da noite: a festa das flores.

Festa?

– Sei que estamos nervosos e que os dias não estão sendo fáceis. Mas a gente não pode perder a esperança. A lua cheia é amanhã, e a festa das flores vai trazer alívio aos nossos corações.

– E quem traz comida pra mesa? – gritou um homem, ao lado de uma mulher que chorava. – Os peixes sumiram. O que tinha pra vender já foi. Tive que trocar um dos porcos por ração para manter os outros vivos... E eles nem estão comendo direito. Ficam agitados à noite, como se sentissem alguma coisa vindo do rio. Então já aviso: este mês não tem porco nenhum pra oferenda.

– Nós temos um acordo, Jorge. Todo mundo aqui ajuda a manter seus porcos... – ela o encara – e você sabe o que precisa entregar.

– É, mas agora é a cidade ou a boca dos meus filhos.

Alvoroço.

– Vamos discutir isso no conselho. Mais alguma pauta?

Silêncio. Alguns pares de olhos viram para mim sem ao menos disfarçar.

– Ótimo. Reunião encerrada.

As pessoas se levantam e vão embora, apressadas. Ninguém ao menos citou o nome de Júlia. Então eu me retiro e dou a volta no galpão para tentar ouvir alguma coisa. Ouço apenas a correnteza, mais forte do que nunca.

No dia seguinte, os moradores se preparam para a festa das flores. O Conselho consegue acalmar Jorge e o porco será ofertado.

– Já escolheu seu vestido para hoje, Mariana?

– Quem era aquela mulher chorando ontem, na reunião, Lulu?

– É a filha do seu Mauro. Ele sumiu algumas semanas atrás, foram encontrados só os chinelos na beira do rio.

Aquela não era a filha do seu Mauro, mas uma versão cadavérica dela. Não a reconheci, mesmo a conhecendo a minha vida toda.

– Sabe, Nana, ainda acho que a Júlia volta hoje. Ela não ia perder a festa das flores, é a noite favorita de vocês!

Fecho meus olhos, pedindo à Mãe que Lulu esteja certa.

Quando a noite chega, estamos todos com nossas velas nas mãos. Alguns homens levantam um tipo de pequeno altar com o porco ao centro, além das flores que já estavam posicionadas. Tudo é entregue à Mãe, nossa deusa padroeira. A lua reflete na água escura e a cada segundo o porco chia e se debate mais. Até que o altar afunda e ele é engolido pelo rio.

Fazemos nossos votos e agradecemos à Mãe, prontos para voltar para a festa. Mas um grito rasga a noite. O porco volta a chiar, desesperado, nadando até a margem.

Jorge tenta ir ao seu encontro, mas os moradores o seguram. Enfim, o porco chega à areia, cai cansado e... rasgado? Algo tinha aberto uma chaga no pescoço do animal, que chia mais uma vez e morre.

– A Mãe não aceitou seu porco magro, Jorge. Você nos amaldiçoou ainda mais! – grita uma mulher em prantos. Todos começam a xingar o homem, que cai de joelhos.

– Vamos todos para a casa! A festa acabou. Jorge, leva seu porco pra casa. – A voz de minha tia ecoa e todos a obedecem.

Meus olhos buscam meu tio, que encara minha tia com um olhar petrificado.

Chegando em casa, meus tios vão direto para o quarto. Antes de entrar, tio Nelson para na soleira e me olha por um tempo longo demais. Então fecha a porta. Só ouço minha tia aos gritos.

– Eu sei! A culpa é minha!

Silêncio. Com certeza meu tio gesticula em Libras como resposta.

– Não, ela não. Não tem como! Ela é esperta, não fará isso.

Ela quem? Júlia? Bato na porta com violência.

– Abre agora essa porta, senão eu quebro! Abre agora, porra. Cadê a Júlia?

Meu tio abre-a devagar. Vejo minha tia sentada na cama, o rosto entre as mãos, chorando e rezando. Foda-se ela, quero saber o que está acontecendo.

– Antônio, chega. Vou fazer as malas. Pode ficar, se quiser, e perder a outra perna. Ou outra sobrinha. – Meu tio sinaliza.

– O quê? Como assim? – Eu entro em pânico.

– Mariana, senta aqui.

– Não quero sentar, porra. Quero saber onde está minha irmã. Ela me me lança um olhar de súplica.

– Nana, sua mãe não é minha irmã. Sou filha única.

Minha respiração para.

– Sua mãe chegou aqui com vocês duas, encontrou Nelson na margem, entregou-lhe sua irmã, deu um beijo na sua testa e entrou no rio.

– O quê?

– Seu tio não sabia o que fazer. Não podia gritar. Então... ela se foi. Ele trouxe vocês duas pra casa e cuidei de vocês. – Tia Antônio engoliu seco. – Quando os peixes sumiram, nos culpavam. Disseram que sua mãe tinha amaldiçoado o rio e que vocês duas iam pagar por isso.

– Meu Deus...

– Joguei um porco no rio. Estava desesperada, não sabia o que fazer. Nos dias seguintes, os peixes voltaram, em dobro. E começamos a tradição da festa das flores.

– Cadê a Júlia?

Ela fica quieta. E seu silêncio é pior que qualquer resposta.

– Não foi a diabetes que levou minha perna.

Eu me sento.

– Era noite, eu estava na margem. Fui aliviar a coceira das picadas no rio e algo me puxou. Júlia veio correndo, me segurou com força. Nelson me levou ao hospital antes que alguém visse. Quando voltei, disse que eram complicações da diabetes. Seu tio nunca desmentiu.

– E o que isso tem a ver? O que há no rio?

– Não sei. Não aceitou nenhum outro porco, eles começaram a voltar mordidos, mortos. Nelson os enterrava de madrugada, antes de alguém os ver.

Levanto.

– Tia, eu preciso ir. Preciso ir agora e achar minha irmã.

– Júlia foi embora depois que eu contei que o Mauro e os outros do Conselho tinham decidido se entregar pro rio.

Paro na porta.

– Eles se mataram?

– Tentaram trazer os peixes de volta, como oferenda.

– E a Júlia foi embora por causa disso ou... – Não consigo terminar a frase.

– Ela me confessou que ouviu uma voz naquela noite, na margem. A voz a chamou.

O quarto gira.

– Ela não faria isso, Nana. Ela foi embora, igual você faria.

Mas nenhuma das duas acredita nisso.

Pego minha mochila e vou para varanda. Preciso respirar, processar, só quero ir embora para qualquer lugar. Aos poucos, minha respiração vai se acalmando. Decido ir para a cidade mais próxima, chamar a polícia e encontrar Júlia.

## LINGUAGENS E (RE)EXISTÊNCIAS

O cansaço me encontra na cadeira da varanda. Acordo com o nascer do sol e encontro o rio me encarando.

– Nana, vem com a gente. – É uma voz familiar.

A água está fria no começo, mas depois fica quente como um abraço.

## Entre a carne e o vento

*Bruna Leticia Saueressig Barbosa*

Corvos muitas vezes são associados a maus presságios, mas não acredito que isso seja verdade – ou, no meu caso, não desde que passei a ser regularmente visitada por uma dessas aves julgadas como misteriosas. A primeira vez que me vi como anfitriã foi em uma noite quente, quando estava apenas deitada tranquilamente. Eu escutei um grasnido e, assustada, reparei que já não estava mais sozinha. Honestamente, foi um alívio ver que era apenas uma bela criatura de negras penas emplumadas e cintilantes, como o céu aberto acima. Assim, decidi alimentá-la como agradecimento por sua visita e esperar que sua aproximação fosse um sinal de confiança em mim.

No segundo dia, pensei que não teria a mesma sorte, ou pelo menos que ficaria aguardando até a noite por uma expectativa fraca. Mas, então, no meio da tarde, escutei o bater de asas – tão novo e tão familiar ao mesmo tempo. Pelo período que me pareceu durar horas, continuei ali, observando um novo amigo inusitado surgir. Eu tinha muito para falar, mas seus olhos eram tão cintilantes e penetrantes que, muitas vezes, eu acreditava que se o fizesse, ele realmente me escutaria com atenção.

Fico feliz em dizer que isso se repetiu e passou a ser parte da minha nova rotina. Eu amava meu companheiro bicudo e apreciava o tempo em que ele se dispunha a ficar, e todas as vezes eu fazia questão de que ele voltasse para casa bem alimentado. Inclusive, houve dias em que ele retornava mais de uma vez e eu sentia uma crescente empolgação em todos os momentos em que escutava qualquer som que pudesse ser remetido à possibilidade de uma nova passada rápida, muito embora eu sempre soubesse bem quais ruídos realmente eram produzidos ao se anunciar.

Passei a querer saber mais sobre ele, então a ideia de não chamá-lo por um nome me parecia como desmerecer quem ele era, ou não lhe dar o devido reconhecimento que merecia como parte da minha gratidão, isso ao mesmo tempo em que não me sentia digna o bastante de ser quem o nomearia, afinal, ele não era um bebê, tinha que já ter um nome. Seria uma ideia muito ridícula tentar perguntar? Mas fiquei preocupada que talvez ele parasse de vir se por acaso eu não tivesse mais o que oferecer para ele. O quão ruim você precisa ser para duvidar de um amigo?

Agora eu tinha um novo problema: uma vizinha que vinha do fundo. Não mais do meu corpo, tão insistente, que tinha que vir da alma – uma incômoda dúvida que talvez nunca fosse respondida... Mas, afinal, arriscar não faria mal.

– Por acaso você vai parar de vir quando não for mais se alimentar? Eu gostaria de ao menos saber seu nome antes que me deixe.

Surpresa maior que a do corvo ao lhe ser dirigida uma pergunta, foi apenas a minha ao ser respondida:

– Isso é realmente uma dúvida?

– Bem, não quero ofender, mas não achei que pudesse te pedir para ficar.

Pelo seu olhar, eu entendi que realmente não podia, algo me dizia que o plano de partir esteve no papel muito antes da primeira chegada. E uma breve troca de olhares me fez entender finalmente a pergunta dele.

– Eu... queria agradecer por ficar, queria significar isso diretamente a você, então o seu nome realmente é para mim uma dúvida.

– Nunca um de vocês me perguntou isso, geralmente ficam ofendidos com minha presença, por mais breve que tento ser todas as vezes.

– Mas como essa é a primeira vez? Outros coelhos são rudes? Nunca convivi ou vi, mas sempre imaginei como minha família seria, gosto de pensar que são como eu, me faz sentir que estou próximo deles de alguma forma.

Agora, enquanto a brisa da noite ganhava espaço, vi seu rosto se contorcer em dúvida antes de seguir:

– Estou me referindo ao fato de me alimentar do seu corpo, não posso ir contra a minha natureza, finjo que não vejo vocês porque sei que toda a sua ira se voltaria contra mim.

Não sei dizer o que em toda a situação foi para mim mais chocante, talvez ele se sentir culpado por algo fora de controle, talvez o seguimento que eu queria dar ao assunto, mas acho que, por fim, o mais intrigante foi perceber que, durante todo esse tempo, ele realmente me via, sabia que eu estava vendo meu próprio corpo ser ingerido e ele achava que isso me ofendia quando, para mim, tínhamos uma troca, uma negociação silenciosa entre vida e morte.

Tive que explicar isso, infelizmente. Para mim, já não restava muito mais para ele se alimentar. Meu amigo, finalmente apresentado como Nico, disse que não poderia retornar, precisava procurar um novo alimento e que eu precisava encontrar meu caminho.

– Coelha, você já não pertence mais aqui, isso é o suficiente para qualquer um aproveitar a chance de explorar o nunca antes visto em vida.

– Na verdade, ficaria feliz em descobrir novos espaços, mas acho que se esperar mais alguns dias posso ser encontrada, você estava aqui na noite em que morri, acho que não conseguiram me achar ainda. Por acaso sabe como os humanos são? Tão distraídos que sempre se esquecem de tudo, vão ficar tristes quando me acharem, mas pelo menos vão saber que ajudei um amigo e fui boa, e quando isso acontecer, vou estar para apoiá-los e receber flores.

– Dessa forma, como seu amigo, devo te dizer que isso é improvável

A realidade caiu como um trovão. Chegou a chuva de verão, e embora o calor antes fosse insuportável, já estava fragilizada por longas exposições ao sol. A água que deveria me atingir com frescor por causa da minha sede, batia em minha pele já queimada como farpas de gelo; e o choque térmico decorrente me fez buscar um abrigo desesperadamente. Foi quando me lembrei: meus humanos haviam saído, levaram com eles as cadeiras do quintal que eu usava para me esconder. Como último recurso disponível, cavei uma toca que estava tão próxima da porta dos fundos que não consegui cavar o bastante para caber. Então mudei rapidamente para o lado oposto, no canto da cerca de arame, e permaneci ali até o final da chuva. Fraca, pensei que ficaria por ali mesmo, mas, após horas, uma nova onda de adrenalina tomou posse do meu corpo; um som alto como um estouro me levantou e um tremor na terra me alertou ter sido próximo, tão próximo que soube que era para mim. Quando tentei correr, a fumaça saía da primeira toca onde eles haviam caído ao tropeçarem.

Imediatamente corri na direção da cerca enquanto os gritos se voltavam para mim. Acho que uma parte da minha pata esquerda se quebrou na queda, mas uma nova bala disparada me deu o empurrão que precisava para sair em desespero. Corri tão rápido quanto pude, passei por arbustos e pedras até enfim alcançar as árvores. Esse foi o primeiro suspiro honesto que dei em toda a minha vida, havia novos cheiros e comida até além da visão. Poderia ter ficado deprimida nesse momento por não ter a chance de conhecer o mundo como realmente era, nunca matar a vontade de abraçar a vida como sempre senti que era a forma correta: correndo e comendo, brincando e apenas... sendo feliz. A perspectiva de ter ao menos uma pequena parte do que deveria ter vivido, ser prestigiada com um lar uma vez antes de partir, mesmo que pareça cruel, foi tudo o que pude ter, e foi exatamente o que sempre quis. Lar.

Não sei dizer quanto tempo permaneci assustada e maravilhada no limbo das duas emoções tanto como na tênue linha entre a vida e a morte. Mas logo reparei que as folhagens deram espaço para um vendaval concentrado bem na minha frente. Uma luz trêmula como um véu começou a tentar assumir uma forma. Finalmente palavras gentis foram direcionadas para mim

– Pode descansar agora. – Disse a voz. –A vida não foi justa com você. Permita-me que eu seja.

Gostaria de ter respondido, desejava ver minha mãe uma vez antes de partir, saber como ela era, mas estava fraca e nem com muito esforço ou súplica minha voz poderia sair. Como se lendo meus pensamentos, a voz continuou:

– Você pode ficar aqui o quanto precisar, raros aqueles que partem direto para a luz, precisa abandonar seu peso e seguir sem bagagem para onde a verá.

E assim se deu, no fim da noite, quando Nico já havia se retirado, refleti em silêncio com os insetos, não queria vingança ou uma nova chance, eu apenas desejava ter sido amada, ter a certeza de que mesmo tendo morrido por ódio eu seria lembrada pelo meu amor. Só que agora, durante as primeiras horas da manhã, percebi que isso já era parte de mim. Amei ao ficar e continuar esperando, amei mais ainda quando tive companhia mesmo que estabelecida por um ciclo mórbido, e amei tudo que me foi oferecido, tanto a vida, quanto a morte...

Recebi de bom grado um calor agradável que se espalhou por meu corpo. Formas familiares me chamaram em um amplo campo florido que entrou em foco, mas antes de entrar, olhei para trás, havia uma linda flor sobre meu corpo decomposto. Ao lado, vi Nico depositar outras várias que devia ter procurado durante a madrugada. Agradei com meu olhar e corri em liberdade, deixando Nico com novos brotos germinados em minha carne. Senti minhas memórias trágicas voarem com o vento atrás, abrindo espaço para a nova eternidade de alegria.



## **CAPÍTULO IV**

### **MICROCONTOS**

Créditos da Imagem: Bruna Leticia Saueressig Barbosa

## 1º raio

*Marcello Zapelini da Rosa*

A estação cheia, o trem vazio  
Somente o maquinista e uma mala  
Sem nome, sem endereço  
Ficou lá no bagageiro frio  
A solidão da mala  
Depois foi levada a um depósito também frio  
Ficou lá por 2 anos  
Depois desse tempo, como era de praxe  
Todos os objetos esquecidos eram incinerados  
Com 20 anos de profissão, o trabalhador da estação  
Que nunca tivera feito isso, o fez  
Jogou ao forno todos os objetos  
Menos a mala  
Durante 7 dias ficou pensando  
E decidiu abri-la  
Estava cheia de cartas  
Cartas de amor  
Leu todas, releu todas  
Absorveu cada sentimento  
Se alimentou das sílabas  
Bebeu as palavras  
As cartas tinham vidas  
Olhou para o céu

Se formara uma tempestade  
Suas mãos não conseguiam se desfazer das cartas  
Com a chegada do 1º raio  
Seus dedos desfaleceram  
Dormiu e sonhou ao som da chuva  
O também solitário leitor  
Que nunca tivera sido amado  
E jamais amou  
Conheceu o amor.

## Reis

*Elvis Preis Anacleto*

Ao passear pelos corredores do castelo, um deles chamou minha atenção. Havia ali um tapete vermelho feito de pedra, e nas paredes estavam as imagens de todos os reis que antecederam meu pai, inclusive a dele. No entanto, havia uma diferença: já não era uma pintura, mas sim uma fotografia colorida. Desde a invenção da fotografia por Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, os reis tornaram-se mais práticos ou, como alguns diriam, mais preguiçosos, pois já não tinham paciência para posar por horas para um pintor, ainda que fosse o mais renomado. A modernidade havia chegado até ali, substituindo a tradição pelo novo.

Meu pai costumava contar uma história que ouvira de seu avô. Em 1861, quando James Clerk Maxwell desenvolveu a fotografia colorida, houve grande alvoroço no castelo. O rei da época desejava substituir sua imagem em preto e branco por uma colorida, mas os costumes não permitiam, já que a fotografia precisava ser feita no dia da coroação. Meu pai foi o segundo a ter uma imagem colorida, pois o equipamento foi adquirido pouco antes de meu avô assumir o trono.

Certo dia, durante o jantar em família, rompi o silêncio para dizer que não queria que minha imagem fosse uma fotografia, mas sim uma pintura. No mesmo instante, meu pai parou de comer, olhou para mim com estranheza e começou a ficar vermelho. Minha mãe, percebendo que ele estava prestes a me repreender, tentou amenizar a situação pedindo que ele passasse o purê preparado pela governanta Judite. Ainda assim, o clima permaneceu tenso.

Tentei me explicar, mas fui interrompido quando meu pai se levantou abruptamente e declarou: “Sua imagem não será fotografia

nem pintura, será feita por inteligência artificial”. Em seguida, saiu batendo as portas do castelo.

Fiquei atônito. Dominado pelas emoções, questionei em voz alta: “Como assim feita por inteligência artificial?”. Minha mente não conseguia compreender tamanha estranheza. Mais tarde, ao revisitar o corredor das imagens, comecei a refletir sobre como os antigos reis reagiriam a essa evolução tecnológica. Teriam enlouquecido como meu pai parecia ter feito? Ou aceitariam a mudança com serenidade? Aquele rei que desejou trocar sua imagem em preto e branco por uma colorida talvez fosse, na verdade, um precursor dessas transformações.

Enquanto observava aquelas pinturas e fotografias, buscando respostas, fui surpreendido pela presença de meu pai, que se aproximava com o mesmo olhar firme daquela noite. Senti um frio percorrer minha espinha. Ao chegar ao meu lado, ele colocou a mão em meu ombro e apontou para o retrato de meu avô, sem dizer uma palavra.

Hoje, sou eu quem governa aquela terra. Meu pai e minha mãe já não estão aqui para decidir por mim. Cada escolha é minha, seja para a glória, seja para o fracasso. Antes da coroação, eu me lembrei daquela conversa. Naquele mesmo corredor, tempos atrás, meu pai havia reconhecido minha coragem e dito que um rei precisava de autonomia. Ao apontar para o retrato de meu avô, mostrou-me o exemplo que deveria seguir.

Decidi, então, honrar essa lição. Solicitei o uso da tecnologia mais avançada disponível, não como rejeição ao passado, mas como continuação dele. Afinal, governar é saber equilibrar tradição e inovação, respeitando a história sem temer o futuro.

## Turno

*Jhéssica Marcello Medeiros*

- Graças a Deus é sexta-feira!
- Você e suas piadas.
- Tô cansado. Não é sempre que tem tanto trabalho assim. Mas até que é bom, faz a gente pensar.
- No quê?
- Em finitude. No tempo.
- O tempo é relativo, nós mais do que ninguém sabemos disso.
- Vai começar a citar os mestres deles?
- É que essa leva foi muito promissora, achei que eles iriam prosperar. Esse da relatividade, eu mesmo que recolhi. Cheguei, ele me viu e disse: estava te esperando.
- Sério?
- Juro.
- Será que na próxima onda teremos pessoas como ele?
- Todas têm, Julios. Mas tem os que jogam bombas. E acaba aqui, com bilhões de almas para recolher. De novo.

## Não era uma vez...

*Thainá Sousa*

Passo o café, tão preto quanto os meus cabelos um dia foram.

Silêncio. Correria.

O nego entra na cozinha.

– Minha preta, o menino entrou na sala, pegou uma tesoura e correu para o quarto.

Imaginei, criança quieta apronta.

O cheiro de bolo toma conta da cozinha, e o nego foi no quarto do menino.

Fui atrás. A porta abriu devagar. Rangeu.

– Olha, tá voando! Parece uma flor dançando.

A cama toda pingada de crisálida. E o bicho saracuteia no ar.

Poof! Caiu.

– Oxê.

– Ô, meu fi, eu já num te falei que bicho de asa tem que sair da casca sozinho?

– Mas ela não tem ovo pra sair da casca.

– Mas tem asa.

E o nego ficou consolando o menino.

Besteira. Ele logo vai aprontar outra. Bem me lembro, o pai dele e o pai do pai dele também foi assim.

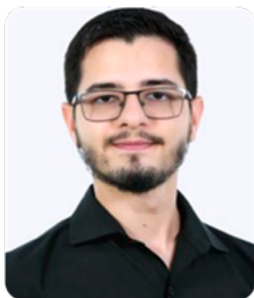
## **SOBRE OS AUTORES E ILUSTRADORES**

### **Amalhene Baesso Reddig**



Licenciada em Pedagogia e em Artes Visuais, é mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atua como professora, pesquisadora, extensionista e gestora universitária, com experiência nas áreas de educação permanente, cultura, arte, museus e patrimônio cultural. Coordena o Setor Arte e Cultura, o Museu da Infância e o Programa de Extensão Arte e Patrimônio Cultural da UNESC. Também desenvolve trabalhos como produtora, gestora, artista visual e cocriadora cultural, com atuação em projetos vinculados às leis de incentivo à cultura nas esferas municipal, estadual e federal.

### **Artur Mendes Vittoria de Souza**



Catarinense, é engenheiro químico, especialista em Álgebra Linear e ex-professor da área de exatas na rede privada de ensino. Atualmente, cursa Medicina. Acredita que fé, ciência e literatura compartilham um ponto em comum: o poder de acessar o mais íntimo do pensamento humano.

## Beatris Pizzoni de Freitas



Graduada em Letras (licenciatura em Língua Portuguesa) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atualmente, é professora de Literatura e Língua Portuguesa, atuando no Ensino Fundamental – Anos Finais – e Ensino Médio.

## Bruna Leticia Saueressig Barbosa



Acadêmica do curso de Artes Visuais da UNESC, desenvolve trabalhos ligados à pintura, costura e colagem e ao desenho. O apreço pelos animais motivou a produção de sua obra como forma de conscientização sobre animais domésticos não convencionais, por meio de uma abordagem sensível e reflexiva.

## Cauê Cristiano Cardoso



Transita entre a História e a Psicologia, atuando como arqueólogo, psicólogo e educador patrimonial. É autor da obra *O Legado do Seringal*, publicada e distribuída gratuitamente com apoio do IPHAN, em Rondônia. Sua escrita nasce das experiências, da memória e das inquietações humanas.

## Dienifer Soares Bereznicki



Professora efetiva de Língua Portuguesa no magistério estadual, é mestranda em Educação pelo PPGE/UNESC. Desenvolve pesquisas nas áreas de surdez, ensino de Língua Portuguesa para estudantes surdos e língua adicional, com enfoque nas relações entre linguagem, inclusão e práticas pedagógicas.

## Eduardo Fioreze



Poeta e pesquisador dos saberes da natureza, desenvolve uma escrita marcada pela sensibilidade e pela busca de reconexão entre ser humano e natureza. É idealizador do Portal Natureza Humana e atua em temas relacionados ao Bem-Viver, Cultura de Paz, integralidade, poética e natureza.

## **Elvis Preis Anacleto**



Graduado em Direito e mestrando na área pela UNESCO, destaca-se na escrita literária, tendo recebido premiações e menções honrosas pela Academia Criciumense de Letras (ACLe). Possui interesse em narrativas ficcionais e reflexivas voltadas a temas contemporâneos.

## **Giseli Paes Rech Matuchaki**



Graduada em Educação Física, especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior e em Gestão Escolar, é mestre e doutoranda em Educação. Atua como professora universitária e servidora pública. Apaixonada pelas artes, música, dança e literatura, também é bailarina profissional e poetisa.

## **Jeanderson Domingos Minotto Bomazar**



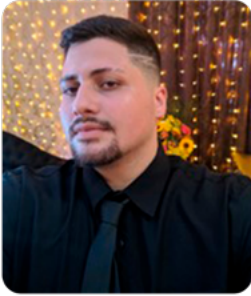
Mestrando em Desenvolvimento Socioeconômico pela UNESCO, atua como gerente geral da Caixa Econômica Federal, com trajetória voltada à liderança, gestão de pessoas e desenvolvimento organizacional. Cultiva interesse por História, Fantasia, Ficção Científica, Literatura e viagens, tendo como influências autores como H. P. Lovecraft, J. R. R. Tolkien, Margaret Weis e R. A. Salvatore.

## **Jhébica Marcello Medeiros**



Profissional de marketing e escritora de narrativas curtas, explora em sua produção os limites entre o real e o simbólico. Sua escrita transita entre o cotidiano e o inquietante, abordando temas como memória, finitude e o desconhecido. É estudante de Publicidade e Propaganda.

## **José Vitor Moraes**



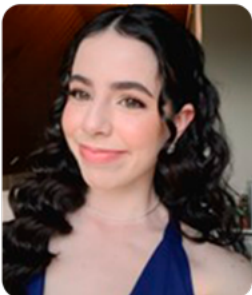
Formado em Magistério, atua como professor desde 2024 e atualmente cursa Letras. Dedica-se aos estudos linguísticos, com interesse em variação linguística, identidade e práticas discursivas.

## **Jussana Adão Fernandes**



Estudante de Comunicação Digital, utiliza a literatura como espaço de experimentação e construção narrativa. Busca constantemente novas oportunidades de desenvolvimento da escrita e compartilhamento de suas histórias.

## **Karine dos Santos Pacheco**



Acadêmica do curso de Design da UNESC, residente em Jaguaruna (SC), possui interesse em arte e composição visual, desenvolvendo trabalhos acadêmicos voltados à exploração criativa e ao aprendizado artístico.

## **Keyla Karolyne Rodrigues Scarmagnani**



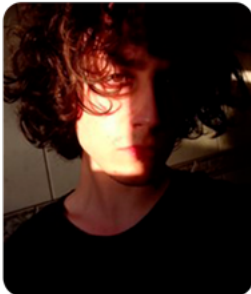
Acadêmica de Direito na UNESC, atua em marketing e publicidade, conciliando sensibilidade criativa, valores pessoais e visão jurídica. Possui experiência em Direito Ambiental e interesse por Direitos Humanos, além de envolvimento com movimentos missionários universitários.

## **Laryssa Pedro do Amaral**



Estudante de Enfermagem na UNESC, encontra na poesia uma forma de expressão sensível e sincera. Sua escrita nasce do inesperado e busca traduzir emoções, paisagens e instantes cotidianos por meio da literatura.

## **Luiz Gustavo Machado Thomasi**



Acadêmico de Psicologia, dedica-se à escrita de poemas e composições musicais. Utiliza linguagem simples, marcada por recursos metafóricos e imagéticos em suas produções.

## Luiz Gustavo Pereira da Silva



Psicólogo clínico, especialista em Dependência Química e residente em Saúde Mental, Atenção e Reabilitação Psicossocial. Desenvolve estudos fundamentados na Psicologia Sócio-Histórica e integra a Liga Acadêmica de Psicanálise da UNESC desde 2023.

## Luvumbo Manuel Quionza



Escritor angolano naturalizado brasileiro, possui mais de quinze obras escritas e duas publicadas. Acadêmico de Pedagogia pela UNESC, atua na educação infantil da rede municipal de Criciúma. Sua produção literária reflete experiências culturais, sociais e educacionais.

## Marcello Zapelini da Rosa



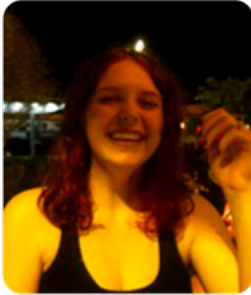
Biólogo e professor de Ciências e Biologia há mais de duas décadas, possui especialização em Meio Ambiente e Legislação Ambiental, MBA em Gestão para Segurança de Alimentos, mestrado e doutoramento em Educação pela UNESC. Também atua como escritor, ator e roteirista.

## Marciano Bortolin



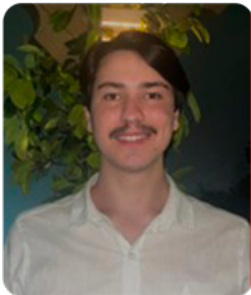
Jornalista com mais de vinte anos de experiência em reportagens, textos institucionais e produção de conteúdo para diferentes plataformas. Atua nas áreas de jornalismo, comunicação estratégica e marketing digital, desenvolvendo conteúdos para empresas, instituições e projetos editoriais.

## Raissa Morona Frello



Estudante do ensino médio na UNESC, desenvolve interesse por diferentes linguagens, transitando entre Libras, esporte e iniciação científica. Utiliza a escrita como espaço de reflexão sobre identidade, memória e subjetividades humanas.

## Rafael Berta



Acadêmico de Direito na UNESC, possui interesse por literatura e história, utilizando a escrita como forma de expressão de sentimentos e experiências. O conto submetido à obra constitui uma homenagem ao pai, admirador do gênero faroeste.

## Riquelme Cauan Costa Simões



Natural de Belém (PA), é acadêmico da primeira fase de História na UNESC. Interessado pelas relações entre tempo, memória e condição humana, utiliza a literatura como espaço de investigação dos limites da percepção e da linguagem.

## Rodrigo Goldschmidt



Pós-doutor em Direito pela PUC/RS, mestre e doutor em Direito pela UFSC. Atua como professor e pesquisador do PPGD/UNESC e é juiz titular da Vara do Trabalho de Araranguá.

## **Stéfany Duarte Dossa**



Graduanda em Biomedicina, possui interesse em narrativas literárias reflexivas e sensíveis. Concilia a formação acadêmica, o trabalho e a produção literária. Reside em Criciúma (SC).

## **Thainá Sousa**



Estudante de Letras – Língua Portuguesa – pela UNESC e de Língua Chinesa de forma independente. Atua como estagiária no Laboratório de Letras da UNESC (LAPEL), desenvolvendo interesse por linguagem, literatura e estudos linguísticos.



**EDITORA  
ASSOCIADA  
À ABEU**  
[abeu.org.br](http://abeu.org.br)